

A FLORESTA

A FLORESTA; ORGÃO DO PROGRESSO E NOTICIOSO.
THERESINA, TYP. DA EPOCA , 1882.

ANNO I 01 MAIO 1882 - 31 OUT. 1883 - NS. 1-7,2

OBSERVAÇÕES:

- O ORIGINAL APRESENTA PÁGINAS MUTILADAS, MANCHADAS E/OU ILEGÍVEIS.

FALTA:

- N. 1 (OUT. 1883)

A FLORESTA

ORGÃO DO PROGRESSO E NOTICIOSO.

REDIGIDO POR UMA ASSOCIAÇÃO.

Distribue-se duas vezes por mez, e assigna-se a 4500 reis por trimestre.

Para servir-vos, braços, as armas feitas;
Para amar vos, mente, as musas dada
CAMÕES.

A FLORESTA.

Theresina, 1.º de Maio de 1882.

Abre hoje a «Floresta» o seu seio aos cultores das letras para n'ella com a concha esmaltada da consciencia depositarem as idéas da sociedade moderna, que surge orgulhosa querendo a emancipação geral ou erguendo o pharol das sciencias, que nos vem esclarecer os phenomenos organicos e inorganicos da vida. Todos, desde os mais simples de movimento, aos mais complexos estão sujeitos a suas leis.

O élo que as tem unido ultimamente está tão perfeito que, umas servem de base as outras nas evoluções contínuas em que sempre andão.

E vós oh! mocidade esperançosa, para serdes no futuro o braço angusto que deve sustentar a lanterna scientifica, afim de que ella não vá por terra, será preciso estudar e muito, sempre em busca do aperfeiçoamento de vossa intelligencia.

A ampulheta do tempo vai correndo e é mister que não vos esqueçais que todo homem é susceptivel de aperfeiçoamento, e o que ignora tudo nada val.

O que o homem adquire pode ser extinto antes que elle se finde, excepto o saber que, morre quando elle lega o ultimo suspiro á este valle de lagrimas. Eleva-se por meio d'elle acima de si proprio, e a geração hodierna que ansiosa deseja os raios do sol benéfico da sciencia, descortinando com forte e ousada mão os seus segredos, deixará sem duvida paginas douradas para o grande livro da historia do seculo desenhado, que será com certesa um dos faixos luminosos do universo.

A Grecia foi o centro dos desenvolvimentos das sciencias e das artes, e hoje o echo da palavra transcripta pelos gregos, repercute em quasi todos os cantos do universo; dando luz as trevas e discriminando o apparente do real.

Portanto não é extraordinario que, apresente-se hoje a Floresta cedendo suas collunas á mo-

cidade piauihyense afim de cultivar sua intelligencia.

O nome da «Floresta» foi bem escolhido pelos fundadores d'este jornal, e sua conservação nos é imposta pela sympathia e lembrança que temos.

Forão moços que muito lutavão para conseguirem a publicação d'aquelle jornal n'esta cidade: porém hoje confiados que o publico ligando mais interesse a uma fonte onde a mocidade possa beber alguma instrução, concorra com o seu pequeno obulo para a realisação de nossos justos desejos.

Empregaremos todos os esforços para que o nosso jornal siga sempre o caminho certo que nos indica a verdadeira moral, não abusando da liberdade que nos confere a imprensa.

Não manchará a verdadeira critica litteraria; com a malidicencia e decendo a tratar da vida privada de quem quer que seja.

Agora mais duas palavras a mocidade: finde o argonantas da sciencia que achareis sempre o seio livre da «Floresta» para obrigavos da guerra que apparece, no meio da jornada, ao romceiro do progresso.

O nosso valor deverá escrever na rasão directra das eventualidades e caprichos da sorte, porque sendo assim vereis coroados no fim de vesso caminho, que é longo e purigost, com uma das glorias que o homem mais deve ambicionar, a gloria da sciencia.

— «:—:» —

Cultores das letras! vós que procuraes a fertil terra para semear o gremem fecundo do progresso—eis a FLORESTA!

Rasgai com o arado de vossa consciencia o inculto terreno de vossos futuros dias, e com o braço poderoso da vontade, abri a estrada para os novos incolos do adiantamento!

Sejamos como a borborleta que, ebria no aspirar de tantos perfumes, sequiosa de beijar mais flores, se espairose adejante nas campinas perfumadas de açucena. Corramos, portanto, a cul-

1 8 8 2

MAIO - NS. 1 , 2



tivar a nossa FLORESTA que, como a borboleta encontra a perfumosa sombra da flor, curva da no verde caule, talvez encontraremos, sobre a alfombra, o fresco manito de espessa ramagem de alguma arvore que nos abrigará dos quentes raios do sol ardente.

Assim, passando um momento do mundo figurado ao real, cremos firmar-nos na protectora columna social.

Bem vêde—que, como o menino que apenas tem percorrido tão mesquinha distancia, anhelante para à margem do caminho; assim, esbaforidos, n'um canção infantil, nós, a peregrina e imbelles borboleta, descansamos as debéis azas no alfazaz espinhoso de nossa romaria.

E quem dirá que os matutinos zephyros, ou o desabrochar esplendido da radiante aurora, não nos deem alento, e nos mostrem a trilha de nossa perigrinação !!

E, quando o mystico condão nos mandar seguir, bateremos as azas, qual o beija-flor que vaga ligeiro, por encantadores paraísos, osculando as flores virginaes que recebem, enamoradas, o beijo santo do seu lindo amante.

E, se tomarmos um vôo mais altaneiro, transcendendo as nossas forças, teremos de baixar muitas vezes nossas azas nas silvestres ramas de nossa «Floresta»; no infenso mar enfurecido, levados pelo tufão da adversidade pousaremos abatidos de syrtes em syrtes, mas temos fé. esperamos que nunca mancharemos as azas nas putridas aguas de algum charco immundo !

Se ha tormentas no mar, ha tambem abonanca, e o palinuro que, açoutado pelas tumidas vagas, se considera perdido, muitas vezes, vê de longe o phanal de sua salvação !

Então, quadro sublime, cujo Autor Divino bem raras vezes nos pinta !

As trevas se tornam em luz, a borrasca em fresca aragem, os lobos que no ladrir faminto, mostravam as presas abrasadas, correm espavoridos com o saudoso balido da ovelha, e o palinuro, este ente fraco que sulca as aguas de um profundo abysmo, vence as ondas que se calam submissas debaixo de seus frageis pés !

E' a esperança que nos resta !

Caminhemos, pois, companheiros que, talvez, bem perto descubramos o phanal de nossa gloria !

Dilacerai commigo os pés nos acanthos d'esta longa estrada do progresso ! Não temais o tigre que no caminho nos ataque, nem os acarís da sociedade que pretendam corroer-nos, que é puro o crysol em que acendramos nossas virtudes.

E' sublime, quando o destemido athleta, empunhando a espada, no sangue que faz derramar do seu adversario, colhe a corôa de sua victoria ! E' bello, quando o viajor intrepido, cortando as ondas de areia do deserto, procura a gloria que

lhe passa fugitiva, ou cahe desfallecido, quando ella lhe acena sublimada.

E, porque não havemos de seguir ? ! . . .

Se tudo, manda seguir !

Consideramos um crime abafar os impulsos do coração, ou constringer as evoluções da natureza.

Portanto, que importa que o anjo desanimador com um golpe certo, nos faça cahir no meio da jornada, se, com a intrepidez no semblante, affrontavamos os perigos para erguermos altivos o pendão de nossa gloria !

Que importa que o guerreiro, no sangrento combate, tombe ferido pelo golpe mortal, se valeroso defendia sua adorada patria ? !

E vós combatentes do futuro, porque temeis dar o passo de partida ? !

Nada; partamos dispostos a batalhar, no campo do progresso, o emulo furial que impede com mãos arrojadas o aligeirar de nossos passos !

A gloria é tão sublime, como as delicias do céu, e quando na terra ganha-se uma corôa de louros, no céu ergue-se um throno, os anjos cantam hansas !

Outr'ora, cultores incansaveis, deixando crestarem-se suas faces pelos quentes raios do sol, sempre firmes no cultivar das letras, deixaram, todavia, debilitarem-se os braços, quando no meio da—FLORESTA—viam bruxolear-lhes a aurora de sua victoria !

Hoje, embalados pela briza da instrução, seguindo o mesmo caminho dos nossos Argonautas, de novo relvado pelas brumas do tempo, pretendemos estender e mondar a estrada gloriosa que encetaram. E, pois, companheiros, sejaes fortes que se ainda ha vestigios d'essa grande estrada, fendida com tanto denôdo, pelos nossos primeiros, as arvores cutiladas de nossa—FLORESTA—reabroham, e tão frondentes que parecem não cederem ao cutelo de nossas aspirações.

E' hora de partir, a estrella da manhã nos manda seguir !

Se, no nosso adejar peregrino, abrasar-nos as azas, as chammass de algum vulcão, como myrra-se a flor com os ardores de chryseu, não importa, morreremos pela gloria !

Abri—FLORESTA—as vossas folhas, deixai passar os peregrinos cultores que buscão a seiva do progresso !

Tremei que o machado progressivo vos bate á gume nos troncos das arvores, e o pulso do colono, em troca das urzes que cobrem o vosso solo, querem plantar o trigo do progresso !

Avante, camaradas, que o viver é seguir, o seguir é progresso, o progresso é nossa vida !

POMPILIO DE CASTRO.

Lyra e amor.

Soffrer, é sempre a sina dos que teem
Na terra uma affeição !
Não vive—vejecta como a planta
O nosso coração ! . . .

(.)

Nos mares longos de uma vida errante
Lancei-me ardente no fervôr . . . cahi;
Derão-me flores d'um amor sincero
Mas tão severo que chorei . . . morri . . .

Em longas noites de scismar profundo
Vi-me no mundo, sem ninguem eu só,
Coberto em pranto entresteci minha alma
Vi murcha a palma d'um viver sem dó !

Depois o anjo que minh'alma adora
Não como outr'ora foi severo assim,
Abrio as azas, reanimou-me a vida,
E a flôr querida se ergueo emfim !

Deo-me o perfume de suas negras tranças
Do peito as crenças—divinaes, sinceras
E eu na chamma d'essa pyra ardente
Fui de repente lhe amar deveras.

Deu-me uma quadra de prazeres rara
Beijos provara, alegria e dores !
Sorvi sedento d'esse amor—perfumes
Tive ciúmes e morri de amores !

Hoje só vivo, só careço d'ella
Só deyo amai-a como a mais ninguem.
Sou dos poetas o mais feliz que vira,
Tenho uma lyra, um amor tambem.

Lilia Hovelfon.

— e —

As tuas poesias.

(N'UM ALBUM.)

Eu li-as. São bem lindas,
São como as notas intindas
D'um sentido coração;
Parecem dizer—chorai !
Dizem aos peitos—amai !
Com todo ardor da paixão.

São alegres andorinhas,
Buliçosas estrellinhas,
Qu'esvoação pelos céus;
São um riso de menina,
Ou raios de luz divina
Baixados dos pés de Deus !

Como o sorrir das donzellas
São magas, sublimes, bellas,
Que só nos fallão de amor;
São como o aroma santo
Exalado com encanto
Do calix de uma flor.

São ethereos pensamentos
Que traduzem sentimentos,
N'um coração soffredor;
Fazem brotar mil ideas,
E compor mil epopeas
Um só cer'bro sonhador.

Quizera ter hoje flores
Para cobrir-te de olores
Mimosa e santa deidade !
Mas . . . em tuas poesias,
Cercadas de melodias,
Gravo somente—amizade !

La Rose.

SECÇÃO PARTICULAR.

Um Adeus.

Adeus ! do mar da vida nas revoltas agoas
Eu me vou emmergir !
Vou lutar, pois sem lucta cous'alguma
Se pode conseguir !

Adeus ! eu acompanh'os Argonautas
Ousados do porvir !
Vou beber luzes onde luz existe,
Vou das trevas sahir !

Vasco da Gama—vou arrastar perigos
Par'ás Indias chegar !
Alem um Tormentorio ergue-se altivo,
E' forçoso lutar !

Israelita—pressuroso eu busco
Canaan desejada !
Cumpre de Jerichó vencer os muros
Tão bem fortificada !

Adeus ! audaz romeiro do sahara
Vou oasis buscar !
E' forçoso que os pés eu dilacere
No meu peregrinar.

Areolino Abreu.

Bahia—Março—82.

— e —

SECÇÃO NOTICIOSA.

Theophilo Dias, sobrinho de Gonçalves Dias.—Este distincto moço nasceu em Caxias (provincia do Maranhão) a 8 de novembro de 1854, publicou o seu primeiro livro de verso, «Flores e Amores», em 74.

Em 75 lutando com grandes obstaculos, pauperrimo e só, tendo por unico recurso sua rica intelligencia, foi a Corte e em pouco tempo achou-se apto para matricular-se em qualquer faculdade do imperio.

Preferio estudar direito, e desde que chegou em S. Paulo tem se distinguido, a ponto de exceder a muitos de seus mais distinctos collegas.

Publicou de 78 a 79 os «Canticos Tropicães» e a «Lyra dos verdes annos».

Depois d'isso tem continuado a escrever e muito, e sempre admiravel e sempre fecundissimo.

Tem publicado actualmente em S. Paulo alem de muitos outros trabalhos importantes, estes dous: «Critica do Liberalismo» e o «Problema do Trabalho» sobre finanças e politica.

Esta noticia nos é transmittida pelo «Paiz».

É certamente um moço digno de apreciação, cujo talento é admiravel.

Congratulamo-nos com a provincia do Maranhão, por ter mais um filho digno da terra onde teve o berço, e que lhes dará um nome honroso nas brilhantes paginas da historia brasileira.

Livro do Imperador.—Consta que S. M. o Imperador está concluindo um livro intitulado—*Impressões de Viagem*; é escripto em francez e illustrado com gravuras e desenhos.

Igreja.—A Matriz foi consertada ha pouco tempo, porem quem agora aqui chegasse não acreditaria que s'ó tivesse feito, pois as paredes estão quasi como d'antes.

O concerto foi apenas exterior, pois que quizerão conservar d'entro as *bellesas* que uma porção de annos lhes tem deixado, apesar da *grande actividade* do ex-parocho e sacristão da mesma.

O sacristão seropre tem o cuidado de deixar os altares peijados de cera de tal sorte que, pode-se bem dizer—são construidos d'essa materia.

As paredes estão pedindo a alvura propria da casa de Deus, e as aranhas formarão alli o seu quartel general.

A Igreja das Dôres é um verdadeiro contrasto da nossa Matriz.

Cabo submarino.—A 12 de Abril foi restabelecida a communicação telegraphica do Maranhão com o sul do Imperio, interrompido ha um anno e 8 dias.

Senado Brasileiro.—O senado brasileiro compõe-se presentemente de 57 membros, sendo 29 conservadores e 28 liberaes.

Balão victoria.—No Rio effectuou-se uma experiencia d'este balão, do nosso illustre patriocio o Sr. Julio Cesar.

O concurso de pessoas ao lugar designado para experiencia foi extraordinario, e nos morros proximos havia bastante gente que d'alli julgava puder assistil-a.

As experiencias feitas consistirão em soltar o balão para diferentes direcções, ora contra o vento, ora dando-lhe diferentes inclinações sobre sua linha.

Entre o grande concurso de povo que assistia a experiencia, estava S. M. o Imperador que depois d'ella, dirigio-se para uma das salas da escola militar, conversou com o Sr. Julio Cesar cerca de hora e meia-e ao despedir-se disse-lhe: Avante! Avante!

Collegio de N. S. das Dôres.—Abre-se hoje as 7 horas da noite este collegio. Constanos que o edificio em que tem de funcionar está bem preparado e é bastante commodo.

É uma ideia digna do maior louvor.

Ha muito que o Piahy pedia uma fonte onde pudesse beber instrucção, principalmente as familias do interior que por falta de um collegio deixavão de dar a instrucção devida a seus filhos.

Hoje porem ergue-se um braço poderoso mostrando-nos a corôa do progresso.

Avante, sr. Miguel Borges.

Chegada.—Acha-se entre nós a comissão de engenheiros, sob a presidencia do illustrado dr. Benjamin Franklin, com o fim de desobstruir as enormes cachoeiras que difficultao a navegação até o alto do magestoso Parnahyba. É um esperançoso intento e oxalá que em breve tal empreza se realize.

A s. s.^{as} os nossos respeitosos cumprimentos e um brado de animação.

Deputados.—Têm chegado quasi todos os deputados á assembléa provincial, cuja abertura, realisou-se hoje.

Prasa à Deus que fação alguma cousa em bem da provincia, pois mui necessitada está de melhoramento.

Mez Mariano.—Começa-se hoje este festejo na igreja de N. S. das Dôres. Havemos de suppor que será com a pompa dos annos anteriores!

Aviso.—As pessoas que não quizerem ter a bondade de assignar o nosso jornal, queirão devolvê-lo a esta typographia, dentro de 48 horas: sem o que nós as contemplaremos como assignantes.

Impresso na Typ. da «Epoca».—1882.

A FLORESTA

ORGÃO DO PROGRESSO E NOTICIOSO.

REDIGIDO POR UMA ASSOCIAÇÃO.



Distribui-se duas vezes por mez, e assigna-se a 15300 reis por trimestre.

Para servir-vos, braço, as armas feito:
Para cantar-vos, mente, ás musas dada.
CAMBÔES.

A FLORESTA.

Theresina, 22 de Maio de 1882.

Esperançosos na senda espinhosa que encetamos, não podemos deixar de agradecer ao publico o acolhimento que bondosamente prestou ao nosso jornalzinho. Seria de admirar que em uma sociedade, como a nossa, não houvesse homens que pugnassem pela instrucção e adiantamento dos seus futuros concidadãos.

Com tudo, se uma parte d'ella nos apresenta a taça do desanimo, furtando-se ao patriotismo que deve ornar os seus corações; outra, porém, dá nos o braço para seguir, empunha-nos as espada do athleta das letras!

A' esta um amplexo filial, áquella uma lembrança negra do seu passado!

Algum dia receberéis das gerações futuras o anathema dos homens, sereis marcada com o ferrete da hierarchia dos imbecis e criminosa da penna de Cicero!

Oh! é realmente indigno o coração d'aquelle que se reveste de bronze perante a sciencia, perante o progresso! Mas infelizmente a «Floresta» é publicada na capital do Piahy, onde se tem em pouco apreço as artes e sciencia de seus comprouvianos; é redigida por moços que se dedicam ao estudo, e esta classe que constitue a distincção de todos os paizes civilisados, aqui, pelo contrario, é tida ao nivel da degradação social! O joio que penetra em uma seara não trará o damno a toda ella; em uma classe nem todos têm a mesma eiva, nem todos são dignos da mesma censura, nem merecem o mesmo qualificativo! Mas nós, oh! mocidade estudiosa, somos culpados e dignos de tudo isto, porque deixamos-nos levar, como uma folha desprendida, pelo sopro do maledicencia, baixamos a fronte e calamos os escar-

neos e infamias atirados ás nossas faces e á nossa reputação!

Se soubessemos devolver os vis epithetos que nos são assacados, se tivéssemos por costume, apontar as aspersiones de outrem, se fizéssemos presente que também temos melindre a offender-se, se fizéssemos, em fim, sentir as excepções, de certo, teríamos melhor conceito, gosariamos de boa fama.

A turba assustada que nos olha como salteadores da vida alheia, esteja calma, que, apesar de sermos estudantes, temos dignidade a perder, e nunca nos afastaremos das raias do decoro e da decencia.

Jamais ousaremos penetrar no recinto sagrado da familia, jamais queimaremos o incenso da calumnia em tão venerando santuario! É diverso o nosso caminho. Só temos em vista pugnar por tudo quanto for justo, sublime e decoroso.

E vós, braços que sustentaes o phanal na estrada tenebrosa do nosso futuro, sejaes firmes que saberemos vencer os espinhos que se cravam aos nossos pés, teremos animo para seguir! Zollos famintos que nunca vos saciastes, mordam-se, ladrem, que na nossa «Floresta» nunca repercutirão vossos bramidos!

Uma cruz vejectando.

O mundo é uma miseria, gloria fumo
A noite um beijo e esta vida um sonho
Pesado ou doce que se esvae na campã.

(C. DE ABRU.)

Era em uma bella e risonha manhã. O astro do dia muitas vezes occulto pelas nuvens que se reunião no espaço, deixava-nos uma claridade opaca e doce que nos embriagava a alma e revivia nosso ser extasiado na contemplação d'esse quadro sublime.

Havia naquelles momentos uma pequena guerra entre os raios do sol e as nuvens reunidas que se opunham a passagem franca das centelhas desse foco luminoso, e cujo resultado nos era agradável.

As flores dos prados e das margens dos caminhos, movião-se brandamente ensopadas dos pingos do orvalho que os céos lhes enviára, como esses beijos puros sahidos dos labios innocentes da criança. Uma sorria-se para outra; e todas estremecião-se alegremente, regorgitando de jubilo, davão graças ao Creador dos mundos pelos beijos doces e veíficantes que lhes enviára em tão poetica manhã.

Derramavão-se pelo campo mil florzinhas bellas cedendo uma parte de seus perfumes á brisa que fagueira beijava-lhes a face e lhes pedia essa graça, como ao céu um pingo de orvalho.

Os passaros trinavão com o apparecimento do dia; uns occultos ainda em densa folhagem, outros pulando sobre a relva e como que convidando a seus companheiros, com o bater das asas e um arrulo doce e encantador, a virem partilhar o prazer que gosavão.

Tudo estava esplendido e radiante: era Deus revelado pela natureza!

E qual o vivente que não se convenceria do grande poder do Omnipotente, presenciando o verde sublime com que ornou os campos, a voz que deo aos maviosos cantores da floresta, o murmúrio saudoso da fonte que serpeia, as mil formas que teem as flores, a brisa que passa vagarosa a gemer, e o sol que dá tão brilhantes cores a tudo que existe sobre a terra?

E qual aquelle que negará ser obra de um ente divino, que lhe deo sensibilidade, entendimento e vontade?

Sensibilidade—que lhe faz sentir o choque de qualquer objecto externo, ou a faculdade que tem a alma de ser affectada de qualquer modo;—intelligencia—ou entendimento que é a faculdade de conhecer, pela qual o homem sabe que sente, tem ainda o poder de saber que sabe, de conhecer que conhece e exercendo sua actividade que quer e que obra.

Esta faculdade que quando exercida em certo gráo superior tem o nome de—razão—e juntamente com a consciencia, distingue o homem de todos os seres da creação.

A vontade que é a propria força da alma em acção, sem a qual nada se poderia fazer, pois tudo está dependente de nossa vontade em primeiro lugar.

Em fim, a própria alma que é a reunião perfeita e sublime das tres faculdades, e pela qual o homem recebe aos pés de Deus, o premio dos bens praticados sobre a terra e o castigo dos máos.

E' sendo a alma immortal o unico meio pelo qual Deus justo e misericordioso como é, pode galardoar o bom e castigar o máo; pois não é raro encontrar-se sobre a terra homens perversos, malignos, assassinos até, cheios de nobrezas, revestidos de cargos, ricos e poderosos, em quanto que outros de bom coração, caritativos, honrados, vendo-se cercados da mais dura pobreza e até muitos que mendigão o amargo pão da caridade publica!

Se recebessemos o premio e o castigo das boas ou más acções aqui na terra, por certo teriamos um Deus premiando o máo e deixando sem recompensa o bom e honrado; o que de boa razão ninguém poderia perceber.

Assim, é só pela alma que elle pode distribuir sua severa justiça, dando o que de direito tocar a cada um; não com penas de um inferno imaginario e de um purgatorio feito pela gente de batina, com o fim somente de terem uma fonte onde apanhem o suor do povo necio que, mal sabê comprehender os deveres que teem para com Deus, consigo e com a sociedade, e ignorão completamente o fim que teem e para que vierão ao mundo.

Um pequeno exemplo vem em apoio do que acabo de dizer:

«Supponha-se que existe um sujeito perverso que somente por espirito de malvadez mata a um outro bom, honrado e serio e que muitas das vezes é o unico sustentaculo de sua pobre familia.

Ao assassino, pela boa razão, só pode caber o inferno, como justa punição da perversidade que commettera, assim como ao bom terá o reino do Céu por motivo contrario.

Vai agora a familia do assassino e pede ao padre que lhe diga uma missa por alma de seu sobrinho, filho ou irmão.

O santo padre recebe os 2,5000 reis, se mais não custa e diz a missa.

A familia do bom, do que foi assassinado chega-se a elle e lhe faz igual pedido, sendo satisfeito logo depois.

Agora pergunto-vos: Qual a necessidade de uma missa pela alma do máo se elle só pode merecer as penas do inferno; e outra para a do bom se elle tem na mansão dos justos aquillo que talvez frade nenhum tenha a felicidade de gozar?

O bengali.

(CONTO)

Outr'ora era bella a voz do bengali.

A' tarde, na hora em que o sol empurpura o mar das Indias, o bengali cantava.

A' sua voz os rouxinos ciosos emudecião; encantadas as borboletas prendião-se nas flores; as flores fascinadas entreabrião-se; e, quando de alto do céu a andorinha ouvia o melioso cantar, a andorinha maravilhada descia, olvidando a viagem, olvidando a patria.

O bengali amou a uma rosinha branca, cuja existencia foi illuminada por um unico sol.

Elle cantou para elle.

Com sua voz ora doce e triste, como um prece, ora viva e alegre como a esperança, o bengali dizia:

—Eu conheço muitas flores encantadoras, vermelhas como o coral, azues como o céu, douradas como as estrellas, umas debruçadas sobre o espelho das fontes, outras occultas nas sombras dos bosques: muitas florecendo nas bordas do mar e cujos perfumes seguem por muito tempo os marujos que partem.

Mas a flor perfumada que fita o mar, a misteriosa que se esconde nos bosques, a faceira que mira-se nas fontes, são todas menos bella que tu, minha rosinha branca.

Amemo-nos, flor querida, sem teo amor o bengali deve morrer.

—E tuas azas!?. . respondeo tremendo a rosa; o passaro vôa, a flor, ai d'ella! . . .

—Os corações amantes não teem azas suspirou bengali.

Vem, diz a flor, minha corolla branca desdobrar-se-ha para ti.

A noite cahiu. Com todas as suas estrellas o céu illuminou os seus amores. E até o dia seguinte as brisas perfumadas embalarão docemente a rosa e o cantor.

Mas aos primeiros raios da manhã. . . . a rosa morria. . . . o bengali chorava.

Genios do ar, dizia elle, tirai para sempre a vós que me d'este, e fazei que minha rosa branca viva mais um dia!

Não, murmurou a flor moribunda, canta, canta bengali. Amaste-me: não sou feliz? Quantas flores sob a terra espirão sem serem amadas!

—Adeus, não te esqueças do mim.

Dous mil annos se passarão depois que a rosa

Eis a razão porque o sacerdote em vez de ser como disse um contemporaneo, o echo da palavra de Deus, o colloço sublime da fé, a imagem perfeita da caridade, o balsamo sagrado da religião instruido o povo e mostrando-lhe o verdadeiro caminho da vida, e o digno representante do Senhor; é muitas vezes o algoz, o inimigo do lar domestico, a sanguessuga do suor do povo consumindo-lhe o pouco que ganha, as mais das vezes com mil difficuldades e fadigas.

Voltemos a nossa poetica manhã: já o forte vencio o fraco; já a guerra favorecia aquelle amesquinhando este, e algumas nuvens rasgando-se, deixavão passar aavez de seu argenteo véo muitos raios brilhantes do creador do dia, que ora embebia-se na corolla de uma angelica do campo, como para sugar-lhe o orvalho que tinha recebido durante a noite; ora entrelaçando-se com as folhas dos arvoredos como para acordil-as, do somno doce em que ainda estavam, illuminava uma florinha que crescendo a beira d'uma fonte, entrelinha-se a beijar o crystalino espelho das aguas correntes.

Era um quadro celeste: toda a natureza despertava n'este momento. Eu e mais dous companheiros viajamos desde o romper d'alva, observando todo este esplendor, todos estes quadros que nos feria as vistas, e prendia nossa attenção, quando vimos uma cruz que jazia para um lado do caminho, a duas braças distante para dentro da matta, e indagando soubemos que era a lembrança de uma pobre rapariga que havia sido sepultada por occasião da terrivel secca que assolára tão barbaramente a provincia do Ceará.

A cruz era feita de dous pedaços de pão cortados ali e amarrados por um cipó. Havia dous ou mais annos que se deo esse facto e ainda hoje permanece verde completamente os páos com que se fizeram aquelle symbolo, tendo na junção d'elle, ou onde se amarrão os cipós sahido muitos ramos que prefazem os raios que se uzão nas cruzes.

E' uma cruz vejectando no meio de uma matta, signal da joven que acabou seus dias em busca do pão para sobreviver.

E' o symbolo da redempção crescendo e procurando por meio de seus raios dar vida ao corpo inanimado que jaz em seo pedestal!

E' uma lembrança quasi eterna que deve affrontar os seculos para provar que a riqueza, o luxo, a vaidade, a miseria tudo enfim se mistura na campa.

Theresina—1882.

JULIO.

morreu; e ha dois mil annos que o bengali jamais tem cantado jamais tem amado.

Seo coração e todo saudades.

Sua vez não è mais que um gemido.

ANDRÉ LEMOYEN.

SECÇÃO NOTICIOSA.

Origem da Imprensa no Brazil.—

São curiosos os seguintes pormenores sobre a origem da Imprensa no Brazil. José Freire de Montarroy Mascarenhas foi o primeiro que introduziu em 1713, o uso dos jornaes ou folhas periodicas, embora desde 1647 ou 1661 apparecessem em Lisboa folhas e gazetas noticiosas e politicas, cujos autores não estão de todo averiguados. Em meio do seculo passado, um acto do governo portuguez mandou destruir a unica imprensa levantada então no Brazil, por Antonio da Fonseca, no Rio de Janeiro, da qual havia sahido com data de 1747 a « Relação da entrada que fez o bispo D. Frei Antonio do Desterro Malinheiro escripta pelo juiz de fóra Luiz Antonio Rosado da Cunha »; e sabe-se que della tambem sahira, disfarçado com a indicação de « impresos em Madrid », o livro de exame de bombeiros » Antonio da Fonseca era protegido pelos jesuitas. No fim de 1808, anno em que veio de Portugal para o Rio de Janeiro a familia real, começou a publicar-se a Gazeta do Rio de Janeiro e na Bahia a Idade de Ouro do Brazil. Até 1820 sahiram duas vezes por semana estes dois pequenos periodicos. Em 1821 existiam oito jornaes nas localidades já indicadas e em Pernambuco, os quaes se occupavam exclusivamente com a politica do dia, censuras a empregados publicos e planos phantasticos de reformas sociaes.

Em 1822, começou a publicar-se o Diario do Rio de Janeiro, e foi o primeiro que deu exemplo de occupar-se de annuncios.

Em Dezembro de 1826 começou a Aurora Fluminense, periodico politico que durou oito annos e que gosou de voga extraordinaria durante seis annos, como director da opinião publica.

Em Setembro de 1828 existiam trinta e dois jornaes no Imperio exclusivamente politicos, e á excepção de tres ou quatro que admittiam annuncios e noticias commerciaes. Em Dezembro de 1835 os jornaes existentes sommavam 56, não havendo ainda jornaes nas provincias do Pará, Piauí, Goyaz, Matto-Grosso e Espirito-Santo.

Em 1846, o numero dos periodicos elevou-se a 78, contando-se os litterarios e scientificos; só na corte havia doze. Os assignantes do Jornal

do Commercio subiam neste anno a 4:000, os do Diario a 2:000 e do Mercantil a 2:700.

O Jornal do Commercio principiou do tamanho de uma folha de papel de marca vulgar.

O primeiro impresso que se fez em Pernambuco, foi em 10 de Março de 1817, com o titulo de Preciso. defeza de um dos membros do governo provisorio.

A primeira typographia possuiu-a a Bahia: foi da Viuva Serra & Carvalho, por diligencia do Conde de Arcos.

A primeira publicação feita na provincia do Espirito-Santo, em Victoria, teve lugar em 1834, de um periodico chamado Estafeta, sahindo só o primeiro numero;—a typographia foi estabelecida por Ayres Vieira, sendo o primeiro periodico o Correio da Victoria.

Club Litterario Theresinense.—Ante-hontem teve lugar a installação d'esta Sociedade, em cuja sessão foi feita a eleição para os diversos cargos exigidos pela mesma.

Pelo presidente foi marcado o dia 25 d'este para nova sessão, afim de serem discutidos os estatutos que devem ser apresentados pela comissão nomeada.

Fazemos votos para que esta Sociedade que tantos beneficios trará á mocidade, trilhe o caminho desejado, e tenha um porvir brilhante e esperançoso.

Partida.—A bordo do vapor «Theresinense» no dia 15 do corrente, partiu para a cidade da Parnahyba, o nosso distincto amigo Silvano Assumpção. Os seus amigos querendo mais uma vez, demonstrar a prova de amizade e consideração que lhê dedicão, mandarão postar ao porto do embarque a banda de musica do corpo policial, a qual executou diferentes peças, durante o tempo preciso á partida do vapor.

Desejamos que o amigo faça uma prospera viagem, e seja feliz nos seus intentos.

Chegada.—Acha-se n'esta cidade o major Antonio da Costa Araujo, deputado á assemblea provincial. Prestou juramento e tomou assento hontem.

Desejamos-lhe que tenha feito boa viagem.

Passamento.—Falleceu a 15 deste, a virtuosa consorte do sr. Ricardo de Barros, victima de dolorosos e prolongados soffrimentos.

Apresentamos nossas condolencias ao inconsolavel esposo, e assim ao digno irmão da finada o sr. João d'Araujo Costa.

A FLORESTA

ORGÃO DO PROGRESSO E NOTICIOSO.

REDIGIDO POR UMA ASSOCIAÇÃO.



Distribue-se duas vezes por mez, e assigna-se a 15500 reis por trimestre.

Para servir-vos, braço, as armas feito:
Para cantar-vos, mente, ás musas dada.
CAMÕES.

A FLORESTA.

Theresina, 12 de Junho de 1882.

Já não existe o Dr. Raimundo Mendes de Carvalho !

O sol do dia 9 de junho de 1882, não tombou no occaso sem que elle não desaparecesse da superficie da terra.

Foi mais uma luz que bruxoliando apagou-se pelo sopro gelido da morte !

Mais uma cabeça encanecida que pendeu pagando esse tributo a que estamos sujeitos !

Fatal dia !

Era o Dr. Mendes de Carvalho um dos mais nobres caracteres que tinha esta provincia, onde desempenhou sempre um papel honroso e digno de cavalheiro distincto.

Era o finado uma das glorias d'esta provincia onde o seo nome ficou gravado em todos os corações que aprecião o bom cidadão, deixando uma lacuna que com difficuldade se prehencherà.

Sempre foi pugnador da instrucção, do adiantamento de sua provincia, do bom e do honesto, e assim todos aquelles que conhecem quanto valem as qualidades que o caracterisavão, não podem deixar de chorar e muito, a perda de tão illustre cidadão.

Quando juiz de direito da cidade de Amarante den cabaes provas de sua imparcialidade e rectidão nas attribuições de seo cargo, nunca deixando de distribuir com toda justiça os impulsos de sua consciencia.

Era conservador de crenças inabalaveis, e como tal foi sempre tido por esse grande e generoso partido.

Hoje chora elle a perda d'aquelle amigo prestimoso e com toda razão, pois desapareceo de suas fileiras um membro que era o echo de suas ideias grandiosas.

Como pai e esposo sempre soube comprehender os deveres que lhe empuñha tão sublime cargo.

Nossos sinceros pesames a illustre familia do finado, e ao partido conservador.

Saudades.

A' José Horacio Correia de Carvalho—distincto academico na Bahia.

E' dura a cruel ausencia,
Saudades d'um ente amado !
Triste pranto amargurado
Verte em dôr o coração:
O craneo abrasado em fogo
Tem sinistro pensamento,
Que se gerou no momento
Da cruel—separação !

Oh, ! dor ! Oh, funda saudade !
Que a alma sente na vida,
Pela perda tão sentida
Do anjo que foi-se embora;
Em vez de risos, tem prantos
Que se bebe em funda taça,
Relembrando na desgraça
A vida alegre de outr'ora !

A passos lentos se sente
O prepassar da existencia,
Embotado pela ausencia
D'uma sentida amisade !
Um dia corre após outro
N'esse viver de amargura
E a vida faz-se mais dura
Pela dôr d'uma saudade.

Oh ! quantos dias se passão
Mais augmento tem a dôr
Fica mais murcha inda a flôr
Do negro e triste viver;
Pede orvalho, e a brisa passa
Crestando a pobre sentida
Que na dôr já esvaida
Quasi sem ar... vem morrer !...

Bahia—1882.

Lilia Hovelson.

1 8 8 2

JUNHO - N. 3

SECÇÃO PARTICULAR.

Breve resposta.

Dos turbilhões dos insensatos uma refega intempestiva quiz transpor o campo da inconsciência, e arrojar-nos o tronco do seu despeito.

Mas debalde! Nem sempre o furacão apodrecido da calúnia lambe, contagioso, as puras praias da verdade; nem sempre a tinea faminta da honra alheia, dilacera as vestes da inocência; nem sempre a voz da apostilha encontra vacuo no seio social.

Leprosos sociaes guardem na saccola infecta, immunda de vossos brios consumidos pela corrupção, os insultos infundados que atiraes, ás cegas, á reputação não manchada de pessoas q' estão além muito além da depravação de vossos sentimentos!

Carunchos sociaes—fujam com o immundo inverno da subornação, enlodem-se, rebolem-se nas suas enchorradadas que o tempo assim exige! O véo da vossa sordida hypocresia rompeu-se á luz do dia!

Anonymo vil e traiçoeiro se fallas com consciencia, se por ventura tens um pouco de dignidade, se não temes o clarão do dia, se te resta pundonor nas faces, sacudas de si o manto negro do disfarce anonymo e appareças no campo de honra que nos encontrará de espada em punho!

Alguns da maioria.

Pergunta.

Lendo o primeiro numero da « Floresta », jornalinho, que ultimamente appareceu a luz da publicidade nesta cidade deprehendemos, q' o seu fim é a cultura das letras, o desenvolvimento das idéas da sociedade moderna, a luz contra as trevas, a emancipação, enfim, da humanidade; e nessa crença suggerio-nos á idéa traçar estas linhas, perguntando á sua redacção:—qual os meios de que pretende socorrer-se, seu plano de conducta, para attingir ao fim pretendido?

Não serão por certo os mesmos empregados por iguaes jornaesinhos, que circulam nesta cidade, da mesma forma inculcando-se,romeiros do progresso, não; porque estes, longe de tenderem a aproximação de tão nobre quão honroso fim, delle totalmente se afastão, ou antes esses jornaes, aliás redigidos por moços intelligentes, fogem espavoridos ante o monstro das trevas, que no seu andar tibio e mal seguro, encontrão obstruindo-lhe o caminho; e outros mais fracos ainda, ou, o que é peor, verdadeiros mercadores de consciencia, curvão-se reverentes ao monstro que lhes embarga o passo, canta-lhe hosannas, tora-se, ou mostra-se ser, seus sectarios.

Assim é que esses moços manejando a arma poderosa da imprensa, ao passo que se occupão de verdadeiras banalidades indifferentes vêem erguer-se a seu lado possante, ousado, insolente, o hediondo monstro das trevas—o fanatismo, a hypocresia, a superstição. . . ., barreira ingente á luz brilhante do sol das sciencias, e em vez de feril-o, de debellal-o com essa arma de que dispõem, ou covarde a depõem, ou com ella fazem-lhe baixa e vil continencia.

Não declamamos, ahí estão os factos, que enumeraremos, se a isso formos provocados.

Dito isto, aguardamos, uma resposta qualquer da redacção da « Floresta. »

Club Litterario Theresinense.

Acta da primeira sessão em 20 de Maio de 1882.

PRESIDENCIA DO SR. ENÉAS NASCIMENTO.

Às 10 1/2 horas da manhã, presentes em casa do sr. José Vicente de Figueiredo, os senhores Enéas Nascimento, Flavio Mendes, Firmino Souza, Antonio Dioclecio, Pompilio Castro, Astrolabio Passos, Benjamim do Rego Filho, José Vicente, Baptista Couto, Manoel Domingues, Emigdio Pedreira, Tavernard, Thomaz Bem, Jesuino Lustosa, Raimundo Almeida, Chaves, Alvaro Pereira, Nascimento Filho, Raimundo Arthur e Joaquim Paulino, afim de procederem a eleição dos diversos cargos da sociedade « Club Litterario Theresinense, » convidão ao sr. Enéas para provisoriamente presidir a sessão, o qual acceitando convidado aos srs. Pompilio e Astrolabio para servirem de secretarios, abre a sessão.

Procedendo a votação ficou a mesa effectiva assim organizada:

Presidente—Avellino Filho, 1.º secretario Nascimento Filho, 2.º dito Jugurtha Couto, orador Antonio Dioclecio, Thesoureiro Chaves, e vice-presidente Flavio Mendes.

Achando-se presentes os eleitos, foram empossados, occupando a presidencia (por não estar presente o nomeado,) o vice-presidente Flavio Mendes. O sr. Chaves agradece a seus collegas a confiança que lhe depositam, a lega algumas razões porque não pode acceitar o cargo para que foi eleito, e envia a mesa um requerimento pedindo dispensa—Posto a votos, é negado o seo pedido pelos socios em vista do que resolveu acceitar o referido cargo. O sr. Firmino Souza consulta ao presidente se pode fazer propostas para socios effectivos na presente sessão; consultada a casa esta delibera affirmativamente.

O sr. Firmino Souza, propõe para socios os srs. José Antonio da Silva Rocha, e Raimundo Totes, acceitos por unanimidade.

O sr. Joaquim Paulino, pede e insiste por sua illiminação; concedida.

O sr. presidente nomeia uma commissão composta dos srs. Firmino Souza, B. Couto e Astrolabio Passos, para na primeira reunião, apresentarem os estatutos que tem de reger a sociedade.

Nada mais havendo a tratar o sr. presidente levantou a sessão designando o dia 24 do corrente para ter lugar a sessão para approvação dos estatutos, convidando a commissão para envidarem seus esforços afim de apresental-os no dia marcado. Eu Jugurtha José Couto, 2.º secretario a escrevi:

Approvada em sessão de 24 de maio de 1882.

José Joaquim de Moraes Avellino—P,
Francisco Alves do Nascimento Filho—1.º S.
Jugurtha José Couto—2.º a

Céo e nuvem.

O céu é qual prado de verdes esmaltes
Ornado d'immensas camadas de flores,
E as nuvens—phalenas alegres brincando
Sugando perfumes, bebendo frescores!

E lago tranquillo de agoas serenas
Por brisas amenas na face beijado,
E as nuvens—pombinhas gentis, feiticeiras
Com alvas asinhas os ares fendendo.

E velho de fronte soberha, orgulhosa,
De brancos cabellos e barbas compridas,
E as nuvens—são meigas creanças sorrindo,
Fazendo momices, brincando garridas.

São bancos de areia no meio das agoas,
São ageis barquinhas os mares sulcando,
São frescos oasis de grande deserto,
São brancos phantasmas nos ares vagando.

AREOLINO DE ABREU.

SECÇÃO NOTICIOSA.

Assembléa.—Continua a funcionar regularmente essa corporação a que está entregue os destinos de nossa provincia. Esperamos que os nobres deputados apreciando bem de perto o estado da provincia, tomem serias medidas afim de que ella não fique no mesmo ou em peor estado.

Ficamos na estacada, para elogiar ou censurar.

Escola normal.—Consta-nos que se abrirá brevemente uma escola normal n'esta cidade, com o fim de formar professores publicos para o ensino primario.

A escola é mixta ao lyceu e funcionará na mesma casa, sob a direcção do director geral da instrucção publica.

O curso dos estudos será de dois annos e se estudará as seguintes materias:

Instrucção religiosa, doutrina e historia sagrada, novo e velho testamento, lingua nacional, grammatica, analyse grammatical, logica e etymologica, recitação e composição, geographia elemental, geographia do Brazil, e especialmente da provincia do Piahy, factos principaes da historia do Piahy, arithmetica, meteorologia, geometria elemental, limitada a nocções geraes e problemas simples, estudos das formas geometricas, desenho linear, pedagogia e methodo, logica, rhetorica, e pratica, costura urnal, trabalhos de agulha, cortes de roupa branca, bordados de lã, seda e froco.

As materias do curso serão leccionadas por tres professores e uma professora.

E' mais um passo que dá a instrucção do Piahy na grande escada do progresso.

Ha muitos annos que se recentia a nossa provincia de professores que desempenhassem o seu cargo, e só assim ou por esse meio, segundo nos parece, poderá se conseguir, visto ficar dependente as nomeações (depois de dous annos) do título que a escola conceder. O professorado que em grande parte, ou com mui pequenas excepções se compõe de gente que mal sabe assignar o seu nome, com essa medida, digna por certo de toda consideração e vantagens, trouxe-nos um limite a toda essa *afilhadagem*, a beneficio da mocidade que vinha beber os primeiros raios d'esse sol benefico, e em muitos lugares só encontravão o contrario—trevas e ignorancia.

Um grito pois de animação ao auctor da ideia tão grandiosa, que sem duvida nasceu d'um cerebro entusiasta e de um coração que palpita cheio dos mais nobres sentimentos.

Abri-se-ha para os piahyenses um foco de luz, cujo raios se farão sentir em todos os angulos d'esta provincia.

Sem duvida a assembléa que actualmente funciona, poderá fazer ou reverter em lei uma ideia mais financeira, porem mais ampla, e de geral interesse, e instructiva—nunca.

A' essa assembléa patriótica o auctor da ideia entregou semelhante medida, que sem duvida, será uma das leis que comporá o novo codigo.

Origem do fumo.—Entre as legendas que apresentam uma côr agradável de orientalismo, diz um jornal do Chile, reproduzimos a seguinte que traz o « Diario da Hygiene »:

Conta-se que, viajando um dia Mafoma no deserto, um dia de cruel inverno, tropeçou em uma vibora gelada; colheo-a, aqueceo-a em seu peito, e assim a restituiu ao movimento e a vida. Em

recompensa de sua compaixão, apenas sentio-se renascer, o infame reptil alçou a cabeça e assim fallou;

—« Propheta, quero morder-te.

—« Porque? Se tens justos motivos para isso, dar-me-hei por satisfeito.

—« Tua raça é inimiga da minha; existe guerra encarniçada entre teu povo e o meu.

—« Porem eu nunca te fiz sinão bem.

—« Morder-te-hei para que não possas causar-me damno.

—« Não sejas ingrata!

—« Por Deus supremo hei jurado e te morderei.

—« A' este nome venerando de Allah, o propheta respondeo:

—« Pois bem, morde-me em nome de Deus.

« A serpente cravou seo dardo na mão sagrada de Mafoma, que, sentindo a dor, lançou no chão o reptil, sem feril-o, e prohibio a seus subditos indignados que lhe fizesssem mal. Appliou seus labios a chaga, chupou o veneno e cospiu na terra.

Dessa gôta nasceu a planta milagrosa do fumo, que tem o amargo do veneno da serpente, mitigada pela doçura da saliva do propheta.

«Revoltas».—Recebemos o primeiro numero d'esse mimoso periodico que se publica na capital do Ceará.

E' bem escripto, e seus artigos nos revela a peuna intelligente que os traçou.

E' mais um, no grande numero de jornaes que o Brazil tem em seo seio.

O progresso é a vida de todas as nações, e o Brazil ergue-se cada vez mais em suas azas protectoras. E' assim que de vez em quando surge uma fonte onde a mocidade bebe instrucção, e apparece um periodico onde ella frenetica como é a do seculo desenove, derrama suas idéias grandiosas.

Vinde, mocidade!, é a imprensa a nossa alavanca.

Jornaes.—Recebemos o Pensador, o Commercio de Caxias, a Revolta e o Observador.

Agradecemos as distinctas redacções a delicadesa, retribuindo-as com o nosso jornal.

E'chos do coração.—Este é o titulo de um volume de poesias do distincto piauihyense Herminio de Castello Branco.

Revella o talento de seo auctor, e são lindissimas composições que devem ser apreciadas pela simplicidade com que são escriptas, e pela brandura do estylo.

Recebemos um mimoso exemplar e agradecemos a offerta.

Club Litterario.—O publico d'esta capital ja deve estar bastante informado do incidente que teve lugar na penultima sessão d'aquella

sociedade; deve tambem conhecer os socios desordeiros que promoverão a discordia no seio della; portanto nada adiantamos sobre o facto, na certeza de que formará o seu juizo no intimo de sua consciencia.

E' agora de crer que esta sociedade livre d'aquelles que pretendião anarchisal-a marchará no caminho do progresso e moralidade, visando somente o fim para que foi creada.

E' digno de louvor o acto do illustre chefe de policia da provincia o Exm. Sr. Dr. D. Luiz da Silveira, pela honra que dignou-se fazer á nobre maioria do Club, comparecendo na sessão afim de harmonisar os animos exaltados, e offerecendo um salão da sua residencia para n'elle funcionar provisoriamente o sociedade.

Esse proceder de S. Exc., assegurando assim a sua protecção, bastante animou aos socios do Club Litterario, os quaes pareciam desnortheastarem-se da senda que tão bem encetarão.

Seria faltar com o dever e delicadeza, se abafassemos um voto de louvor ao honrado e muito digno Major Raimundo Sizinio de Lima e Almeida, pelo empenho e interesse que tomou pela prosperidade do Club Litterario Theresinense.

S. S. alem dos muitos esforços que manifestou pelo progresso da sociedade, tambem offereceu um recinto da sua residencia para ter lugar os trabalhos da mesma sociedade.

Actos d'esta ordem merecem ser registrados, e a sociedade Club Litterario Theresinense, deve tel-os em grande apreço e consideração.

No dia 5 do corrente houve reunião da mesma no salão da casa onde reside o Sr. Egidio Pedreira que bondosamente prestou-se á este acto. Tomarão a palavra alguns socios que satisfizerão a expectativa do publico.

Em todos os semblantes dos socios do Club se devisava, uma harmonia e prazer indefiniveis.

Prosiga o Club Litterario e chegará ao cumulo dos seus fins.

«Chegada».—Ante-hontem chegou á esta capital, com sua exm.^a familia, o illustre sr. dr. Custodio Alves dos Santos.

Desejamos-lhe que houvesse feito feliz viagem.

«Outra».—Acha-se aqui de passagem para a cidade de Oeiras o juiz de direito d'alli, o sr. dr. Pedro Baptista de Moraes Rego.

Comprimntamos a s. s.

«Espectaculo».—Foi ante-hontem levado á scena no theatro «Concordia» o importante e aparatoso drama em 5 actos—Os dois renegados.

Os actores desempenharão perfeitamente os seus papeis, agradando assim a platêa que manifestou-se possuida de inteirã satisfação.

A FLORESTA

ORGÃO DO PROGRESSO E NOTICIOSO.

REDIGIDO POR UMA ASSOCIAÇÃO.



Distribue-se duas vezes por mez, e assigna-se a 1\$500 reis por trimestre.

Para servir vos, braço, ás armas feito:
Para cantar-vos, mente, ás musas dada.
CAMÕES.

A FLORESTA.

Theresina, 9 de Julho de 1882

Resposta á pergunta feita a redacção da Floresta, inserida no numero 3 de 13 de Junho de 1882.

Uma das cousas que o homem mais deve ambicionar sobre a terra, é a instrucção, pois é só por meio della, que elle pode conhecer os segredos incalculaveis da natureza, discriminando o apparente do real, e subindo dos movimentos mais simples ao conhecimento do auctor de seus dias.

Nossa vida sobre a terra é passageira por demais, e não ha proporção entre a alegria e dôres que o homem sofre no periodo de sua existencia. de sorte que, muito peor será a daquelle que vivendo nas trevas da ignorancia, desconhece todos os seus deveres e fim, e teme os menores phenomenos que observa.

O fim que tivemos em vista com a publicação da «Floresta» foi com cêrtesa a cultura das letras, o desinvolvimento das ideias da sociedade moderna, a luz contra as trevas, em fim a emancipação da humanida le.

E para chegar-mos a esse fim glorioso para nós, e digno por certo do seculo desenove, não duvidamos romper os maiores obstaculos, afim de que fique bem patente, que queremos luz em todos os sentidos, e que rasgamos os véos mais espessos para que ella se projecte em todos os cantos, ainda occultos pelas trevas da ignorancia, trevas que amesquinhão os mais nobres sentimentos do homem, e o põem supersticioso e hypocrita, apartando-o de tudo que é verdadeiro e real.

Esses são os meios de que vamos lançando mão e lançaremos com mais vantagem para o futuro, tendo sempre como plano de conducta a moralidade de nossos actos representados e augmentações, e baseados em factos legitimos, cuja veracidade não poder-se ha contestar, e que o sendo por algum sophisma grosseiro, será discutido e

analysado afim de provar-se as verdades, estabelecidas por nós.

Dissemos que, com mais vantagem para o futuro, em razão de esperarmos que o povo se desaccostumando do fanatismo em que vive, erga a fronte livre para encarar as cousas pela sua verdadeira face e conheça o erro em que esteve, abominando a gente de Malta que tanto mal tem causado á humanidade.

Os costumes depravados, a inacção, a hypocrisia, até mesmo a immoralidade nos tem vindo dos padres que, não abraçando a verdadeira lei que lhe deo o Omnipotente, e com a insaciavel sede do dinheiro, a tem mudado completamente.

Assim é que inventão purgatorio, dão lenitivos por meio do confissionario (a cousa mais repugnante deste seculo) casão com as abas da casaca, dizem missa em toda parte, e por todo preço, recebem dinheiro do povo e não as dizem, e comettem quanta sorte de arbitrariedades ha.

Para batermos abusos semelhantes, restabelecendo a verdade, em tudo por tudo, estamos promptos, porem luctamos com grande difficuldade, pois sabe o nobre auctor da pergunta e é forçoso dizer que, a nossa provincia, a provincia do Piahy, longe de erguer o nosso brado, longe de transpor o nosso grito e ideias de emancipação á regiões mais elevadas, tem pelo contrario abafado muitas vezes esse arfar constante de nossos corações, não querendo que essas ideias legitimas se externem por meio da imprensa, assim é que muitos de nossos artigos tem voltado da typographia.

E nos, a mocidade ardente d'este seculo, ficamos de mãos actadas, vendo os abusos praticados todos os dias pela gente de batina sem podermos commental-os!

E sendo conhecedores de quanto é grande o poder da sciencia e progresso, sem darmos a nossa humilde opinião, para que façamo-nos sentir que somos dignos filhos do paiz que habitamos.

Deixae oh! filhos do Piahy que o grito da mocidade tenha echo, deixae que esses peitos

1 8 8 2

JULHO - NS. 4,5

no arfar glorioso de **grandes** ideias, as ex-
nem livre e expontaneamente.

Não queiraes que **grossos** filhos, cahidos no fa-
natismo, hypocresia e superstição, supportem por
mais tempo um peso tão vergonhoso á luz de
um seculo tão gigante!

E que esse monstro, filho das trevas, embar-
gue-lhe o passo, corroa-lhe o coração e espanque
as ideias de um craneo sonhador com as evolu-
ções emancipadoras, quando todos somos dignos
filhos de um paiz livre e generoso.

Deixe-se á margem todas as considerações e
repilla-se, com toda a dignidade, abusos de ho-
mens tão intolerantes, que só querem o atraso, e
ignorancia, falsas alavancas com que cavão o di-
nheiro do povo que tudo ignora.

A quem competir.

No n.º 252 do jornal «Semanario», deparemos
com um artigo assignado—Os justiceiros—cu-
ja leitura nada nos causou de alteração; porque
a fôfa presumpção, ou talvez, o espinhado me-
lindre do seu auctor, claramente se patenteou
nas primeiras *rabiscadas* de suas linhas.

Seja o anonymo mais polido, menos precipita-
do nos seus actos e mais consciencioso nas suas
loucuras, não nos meça tão arrojado na sua *bitó-
la*, que para isto não o autorisamos; pondere os
factos e reflecta mais no que vai fazer.

Errado juizo formou no seu *gigante* entendi-
mento, quando pretendeu tachar-nos de immo-
destos e jactanciosos; pois saiba o *encapotado*
que não costumamos queimar o incenso da van-
gloria no proprio tabernaculo de nossa honesti-
dade, e temos o preciso recato para desprezar
a corôa da jactancia, com que, por baixo da ne-
gra *mascara* que vos cobre, tantas vezes te-
nha cingido a fronte desmaiada.

Seja mais moderado, sr. *embuçado*, e permitta-
nos que lhe façamos uma pergunta.

Leio o artigo que registramos nas columnas
da «Floresta»? Onde se encerra n'elle o elogio
que tanto vos amartellou a paciencia?

Comprehiendeu o seu sentido?

Estarieis na altura de formar um juizo sobre
um assumpto, que, primeiro que tudo, exigia
uma declaração de nossa parte?

Essa declaração não haviamos ainda dado, e
ja a machina repleta do egoismo—*dos justicei-
ros*—havia feito sua intempestiva explosão!!!...

Quanta fraqueza! quanta *eloquencia*!

Se ainda não sabia, sr. anonymo, fique sabendo
que no artigo de que tratamos, não se con-
tem o elogio que maliciosamente imaginou, e,
que não partiu do seio da redacção da «Flore s-

ta», como temerariamente interpretou. Se vos
resta alguma *suspeita*, tenha o incommado de
chegar até o nosso escriptorio á rua da Estrella,
casa n.º 24, que se certificará da verdade, e fi-
cará plenamente convencido do contrario.

Não pense, comtudo, que isto será um engô-
do que queremos pregar-lhe, não; o autor da
Pergunta que publicamos, e a que nos referimos,
não quer apparecer em publico, desde que a isso
se esquivou do principio, mas não se negará a
comparecer na sua presença, e declarar-lhe ser,
com effeito, o alludido auctor do artigo.

Antes de concluir somos forçados a declarar
que a altiva firmesa de character, a dignidade, a
honra e o respeito que em si resume a pessoa
de que fallamos, concorrerá para banir os máus
preconceitos que, por accaso, nasçam no vosso
cerebro, e, que jamais se prestaria ao rediculo
pepel de *testa de ferro*.

Venha, sr. anonymo, que de já espanamos as
cadeiras do nosso humilde escriptorio, e nos pre-
paramos com toda a delicadeza a receber a vos-
sa honrosa visita.

SECÇÃO LIVRE.

Céu e nuvem.

O céu é qual prado de verdes esmaltes
Ornado d'immensas camadas de flores,
E as nuvens—phalenas alegres brincando.
Sugando perfumes, bebendo frescores!

E' lago tranquillo de agoas serenas
Por brisas amenas na face beijado,
E as nuvens são cysnes de talhes esbeltos.
Nadando, molhando seu corpo nevado.

O céu é qual ninho de verdes relvinhas
Encantos, aromas de—si desprendendo,
E as nuvens—pombinhas gentis, feiticeiras
Com alvas asinhas os ares fendendo.

E' velho de fronte soberba, orgulhosa,
De brancos cabellos e barbas compridas,
E as nuvens—são meigas creanças sorrin.
Fazendo momices, brincando garridas.

São bancos de areia no meio das agoas,
São ageis barquinhas os mares sulcando,
São frescos oasis de grande deserto,
São brancos phantasmas nos ares vagando.

AREOLINO DE ABREU.

Não me ames...

Anjo ou nune—Sybilla do Senhor
Não me ames jamais,
Não olhes para mim, oh! não!
Nem ouças os meus ais!

Não mereço o amor puro e risonho,
Que me dedicas mulher
Fui ingrato, traidor e pequenino,
Oh! não me olhes sequer.

Amei-te um dia com as forças de minh'alma
Amei-te, como á Deus
Tu eras muito bella e eras seductora
Mais qu'os anjos dos ceus!

Parecias-me dedicar amor tambem ridente
Sublime inabalavel
Eu deixei teus affectos e ternuras
Ah! fui um miseravel!

Despresei a florsinha que nascia
Repleta de vigor
E no peito perjuro d'uma outra
Colloquei meo amor.

Deixei a aurora risonha em primavera
Deixei o rosicler
Para repousar tremente de loucura
Aos pés de Lucifer!

Ah! perdoa, mulher, se assim o fiz
Foi fraqueza de mais.
Mas em troca, te peço, da perjuria
Não me ames jamais.

ZARA.

Maio—82.

Nos teus bállos, compridos.
Cabellos denegridos
Qual noite tenebrosa,
Envolve-me, creança,
Astrinho d'esperança,
Camelia melindrosa!

Nilo de ouro.

—(=)=—

▲.

Creança sabes do meu peito joven
Qual a florsinha que brotou primeiro?
Foi dedicar-te sacrosanto culto,
Foi adorar-te com fervor inteiro.

Qual estrellinha que no ar divaga
Tem nos teus olhos divinal fulgor;
Ousei fital-os quando mais fulgião,
Ceguei! meu peito palpitou de amor!

Menina forte a bemfaseja brisa
Que extinguiu de meu peito as dores,
Oasis forte que minh'alm'achou
Cheio de incanto, de verdura e flores!

Pobre romeiro d'est'immenso globo
Já ressequidos os meus labios tinha!
Tu foste a gotta de neblina santa
Fostes a legria par'a vida minha!

Eu er'a ave tremulant' e fraca
Suspiros, queixas desprendendo em vão!
Tu foste o anjo que me deu conforto
Flor predilecta do meu coração!

Nilo de ouro.

—(=)=—

Acrostico.

à cançado d'amart'em segredo,
lulando canções sem valor,
acrymoso t'encaro menina,
ris meigo d'um pobre cantor,
esperando um sorris'encantado
empe virge'das rosas hostis;
hétis linda um sorriso, um olhar
o amante das moças gentis!

Theresina—1882.

La Larme.

—(=)=—

SECÇÃO NOTICIOSA.

Desastrosos acontecimento—As 12 horas do dia 6 deste, no largo do palacio, a frente do thesouro provincial, os empregados dessa repartição e mais algumas pessoas, foram testemunhas de um conflicto entre o sr. Arthur Hollanda, e o honrado e illustre engenheiro militar, tenente José Faustino da Silva.

O sr. José Faustino, levado por sentimentos mui nobres, com o fim somente de lavar a honra offendida do seu irmão que, um dia antes havia sido injuriado, sem fundamento de causa, pelo altudido Arthur Hollanda, agrediu-lhe cavalheirosamente e uzando do instrumento que, com a mão de um revolver, disparou uma bala mortal sobre o peito esquerdo daquelle que procurava a sua vingança, a vingança do seu irmão offendido, a vingança de uma prote ultrajada!

Assim ferido, faltando-lhe as forças, cahiu por terra, e o agredido, não satisfeito, precipitou-se sobre sua preza e, com uma manopla, feriu a cabeça de sua victima! O sr. José Faustino, recuperando as forças, ponde desenlaçar-se das garras do seu adversario, e erguendo-se do chão, com essa coragem e intrepidez que cingem a fronte do soldado brasileiro, conseguiu tomar-lhe o revolver e ainda chicotear-lhe por algumas vezes.

Nisto comparece a guarda do palacio em auxilio da victima, e de arma em punho, cercando o delinquente, tão estupefacta ficou, que daria fuga a mais de um prisioneiro. Felizmente dois cidadãos, cujos nomes deixamos de mencionar, vendo o embarço ou a cobardia da policia, dirigiram-se ao sr. Arthur e derão-lhe voz de prisão. E tinham razão os soldados de assim praticarem, pois cremos ser o primeiro crime praticado por homem de posição, dentro da capital do Piahy, no meio de uma população pacifica e quasi alheia á esses factos aterradores, no lugar mais publico, nas portas do poder!

Em fim o facto deu-se, e o sr. Arthur acha-se recolhido na cadeia publica.

Resta agora a justiça dos homens sensatos, e o julgamento dos tribunaes!

Incendio.—Deu-se um, na noite de 8, em uma casa de palha, situada nos arrabaldes do 1.º districto.

Loteria.—Não foi sancionada a resolução que autorisava dez loterias em beneficio da Santa Casa de Misericordia,—em consequencia, diz o presidente da provincia, dos males que ellas acarretam, mesmo aquelles que as autorisam, que é o peor, o mais deploravel recurso de que se pode lançar mão; e que se ellas auxilião ne-

cessidades de occasião, deixão males e ruinas, que nunca poderão ser sanados.

Temos visto todos os paizes civilizados manejarem com essa arma, para acudir as necessidades de suas finanças; mas o Piahy é uma provincia cheia de recursos, e que, se não está presentemente *moralisada*, *moralisar-se-ha* agora com esse acto de heroismo.

«Martello».—Recebemos o 1.º n. deste jornalzinho que aqui se publica.

Agradecemos o collega a mimosa offerta, retribuindo-a com a «Floresta».

Jornacs.—Tambem recebemos a *Onda*, *Observador*, *Commercio de Caxias*, *Viamense*, *Norte e Parahyba*, publicados em diversas provincias do Imperio.

Agradecendo as illustres redacções, enviamos o nosso humilde e ignoto jornal.

Sessão magna.—Houve no dia 24 do passado, a do «Club Litterario Theresineuse», sendo a apuração da eleição para os diversos cargos, a seguinte:

Presidente—Flavio Mendes.

Vice-presidente—Pompilio Castro.

Orador—Antonio Decolecio.

1.º secretario—Nascimento Filho.

2.º dito—Raimundo Arthur.

Thesoureiro—José Rocha.

Errata.—Por um descuido imprevisto deixon de sahir, no ultimo n.º deste jornal, conforme o autographo, a poesia—Céo e nuxem—: o que agora a reproduzimos exata.

Desculpa.—Por incommodos de saude do nosso editor, deixemos de satisfazer e nosso compromisso no mez passado, promettendo fazer no presente; pelo que pedimos desculpa aos nossos assignantes.

A' roda do mundo.—Lê-se na *Patria* de Montevideo:

O conhecido medico inglez Dr. Lausen chegou de Buenos-Ayres com o fim de embarcar aqui no paquete inglez *Tamar*, dirigir-se a Europa e fazer em seguida uma viagem á roda do mundo.

O sympathico viajante deter-se-ha nos Estados-Unidos, em New York provavelmente, irá a California, passará depois ao Japão, a China, India, Ceylão, Cairo e Constantinopla.

Foi nomeado para exercer interinamente a gerencia da Companhia de Vapores no Rio Parahyba, o director, sr. capitão José João dos Santos, durante a ausencia do digno gerente, capitão João de Castro Lima e Almeida, que segue á manha para a corte do imperio, em commissão da mesma Companhia.

Impresso na Typ. da «Epoca»—1882.

A FLORESTA

ORGAO DO PROGRESSO E NOTICIOSO.

REDIGIDO POR UMA ASSOCIAÇÃO.

Distribui-se duas vezes por mez, e assigna-se a 1500 reis por trimestre.

Para servir-vos, braço, ás armas feito:
Para cantar-vos, mente, ás musas dada.
CAMÕES.



A FLORESTA.

Theresina, 24 de Julho de 1882.

Rabiscou nas columnas do «Semanario» de 15 de julho um sr. *Catholico* algumas linhas contra os redactores da «Floresta» em razão de se ter affirmado que os costumes depravados, a inação, a hypocrisia, até mesmo a immoralidade nos tem vindo dos padres, que não abraçando a verdadeira lei que lhes deo o Onipotente, e com a insaciavel sede de dinheiro, a tem nundado completamente.

Assim é que inventa o purgatorio, dão linitivo por meio do confissionario (a cousa mais repugnante deste seculo) & &

Em primeiro lugar será bom dizer que não especificamos esse ou aquelle padre, e que o sr. *Catholico* não teve a polidez necessaria do homem que se tem n'aquella conta, respondendo o nosso artigo de um modo não delicado.

Reconhecemos que tem apparecido alguns sacerdotes que representão a verdadeira missão que lhes foi confiada, e sabem cumprir sua devida obrigação; assim é que nos recordamos do distincto padre Areias, Guilherme Dias e outros.

Porem a maior parte, coitados!

Dizemos que a immoralidade, os costumes depravados & & nos tem vindo dos padres.

E' cousa já provada até a evidencia o que affirmamos, e os senhores padres e frades não se podem esquecer do celeberrimo *Santo-officio* onde praticarão todas as immoralidades, depravações e crueldades que o mundo inteiro sabe, e inda hoje pasma de terror lendo uma das paginas que contem essa historia vergonhosa, que afrontará a luz de todos os seculos, para vergonha eterna de tal gente!

Sabem elles perfeitamente o que foi o *Santo-officio*, para que foi creado, e o fim que teve.

Foi uma casa tetrica e sombria, onde se consumio milhares de familias e soffrer-se as torturas mais incriveis.

Foi creada com o fim unico de assassinar e

roubar a soffredora humanidade, que inda hoje recente-se das dores que lhe fizeram soffrer tão barbaras creaturas, em nome de Deos e da moralidade!

O fim que tiverão ou que teve essa associação faminta, o grande e immortal Napolião que o diga pelo echo da historia desses tempos!

Afirmamos que esses entes não abraçarão a verdadeira lei que lhes deo o Onipotente, e tornamos a dizer, visto raciocenarmos que Deos não é o auctor da lei que os padres executão actualmente, em razão de saber mas que elle a deo perfeita e que está agora adulterada, como se tivermos occasião oportuna provaremos, transcrevendo a que elle forneceu a seo povo, e a que os padres executão, podendo-se tirar um paralelo entre ellas e deduzir-se o que affirmamos.

Srs. padres: calai vos, que vossa familia é a vergonha desse seculo, e a immoralidade dos que se forão!!

Dizemos que o purgatorio é invenção propriamente d'essa gente, e que o fiserão com o unico fim de abrir uma fonte immensa d'onde lhes podesse correr, ou vir grandes quantidades de dinheiro.

E' cousa já provada por pessoas mais habilitadas do que nós. Pois não se sabe conscienciosamente que um individuo que morre tendo somente feito bem á seus semelhantes, gosa das delicias do céo, e que ali não precisa de missas absolutamente, assim como, que o malfeitor por motivo contrario não o pode merecer, nem as missas o levarão a gosar aquillo que só é dado a aquelle que trilhou o caminho do bem?

E como é que esses *santarrões* ousão dizer ao povo: vinde mandar dizer algumas ou muitas missas por alma do vosso irmão, que soffre as labaredas do inferno, ou está no purgatorio esperando que lhes mande esse lenitivo para gozar da felicidade celeste?

Assim dizem elles, porem nós traduzimos suas palavras no verdadeiro sentido da maneira seguinte:

« Vinde ó gente ignorante, que se deixão levar por nossos phrasiados, dar-nos o vosso di-

nheiro; trabalhai e trabalhai muito, trazendo sempre o fructo delle para os santos padres que do —dulce far niente—continuo em que vivem, o recebem de bom coração!

Quanto escarneo atirado a face do ignorante! Quanta audacia e immoralidade envolvida com a palavra do Devino Mestre!

Em bons termos é uma magica degital—adescada de palavras ternas e convincentes, que elles têm aos centos em todas as occasiões.

Sim, queremos ser para vós abutres da reputação alheia, mais trabalhando e vivendo a custa de nosso suor e não em enercia completa como vós, só a espera do pão ganho com o suor alheio!

—Fallamos a respeito do confissionario e doese o sr. *Catholico*, que antes nos parece um padre carregado de dinheiros alheios para dizer missa por alma de quem não precisa d'ellas, e cheio de segredos sem ter para isso o requisito necessario—a amizade—para que um homem lhe revele o que sente: do que um verdadeiro catholico, pois cremos que só se pode depositar um segredo no coração de um amigo.

Pode haver portanto cousa mais repugnante do que acreditar-se que um homem por andar de batina e com a cabeça raspada possa absolver pecados d'esse ou d'aquelle, quando em regra quasi geral elle é o maior dos pecadores? O proverbio diz: não se pode dar sinão o que se possui. Deus que dictou sua lei, é só quem pode perdoar aquelle que a infringir, e nunca um padre.

Um filho não comprio a ordem de seu pai, não vai por certo a um padre pedir-lhe perdão do erro que cometera, e sim a seu proprio pai.

Diz mais o tal rabiscador que tendo nós negado a existencia do purgatorio e do inferno tinhamos, *ipso facto* negado a immortalidade da alma. Completo engano!

Demonstrou assim que não teve a menor tintura de philosophia, pois nem ao menos sabe deduzir.

Tirou de nossa argumentação um absurdo tamanho, que só sendo filho da ignorancia ou do fanatismo.

Qual a razão de em muitas partes do globo não se admittir mais essa classe de sanguexugas sociaes?

Será porque o povo não queira ou não saiba apreciar as cousas boas? Não por certo.

Será porque elles só tenham feito bem a humanidade? Não, sem duvida.

Padres, feixai essas c'roas, largae as batinas e procurai ganhar a vida por meios mais decentes.

Vede que o mundo já vos encara de mau humor, e que os paizes mais civilisados não vos quèrem em seu seio.

Amor e poesia.

A FABIO JOSÉ DA COSTA.

Oh! o amor da mulher porque se chora
Vale mais que o porvir.
C. de Abreu.

No mar tempestuoso desta vida,
Um raio de esperança, a luz querida
Minh'alma clariou;
Meo triste coração de amor pulsava
E o fogo da paixão que o devorava
Ardente se tornou.

Amei com amor sincero puro e santo
A ti, oh, anjo meu,
No tabernaculo do meo peito incerro
A gloria o throno teu!...

Vivi, como se vive alegre e crente,
Sentindo de tua alma anrifulgente
Um doce e eterno olhar;
Cantei e canto ainda ao son da lyra
O amor que ti tenho, o fogo, a pyra
Lisongeiro cantar....

Adorando ajuelhado a corôa santa
De tua virgindade,
Sou o anjo de amor que á tuas plantas
Implora caridade!

De manso corre a vida pressurosa
Na tua juventude gloriosa,
De graça e de calor;
A vida é para mim tambem singella,
E's tu a flor mimosa e eu só della
O orvalho de amor.

Dorme sempre descuidoso anjo querido,
Flôr dos sonhos meus,
Nunca arrebatada por mão vil tu sejas
D'esta aste, por Deus!...

Eu sou a aragem fresca do jardim
No qual és tu meo anjo, um bugarim
Espargindo grato odôr,
Se accaso o galho cede á ventania
Sou eu a folha forte em harmonia
Que te ampara com amor!

Pendente sobre o galho eu quero sempre
O teu arrimo sér.
Embora o tufão venha mais forte
E' gloria esse soffrer!...

O futuro meo de crença e de esperança,
Nos mares d'esta vida sem bonança
E' todo o seu amor,

Viver sem ti amar doce açucena
E' viver acabrunhado em patria amena
Descrente e cheio de horror!

Vive, canta, sorri os dias d'ouro
De tua mocidade,
Não legues a ninguem da c'roa santa
A flor da virgindade.

Se possível for um dia em doce calma
Contar-te a sós o que tem minh'alma
Soffrido só por ti,
Veras que não gozei de calma um dia
Olhando em escura taça de agonia
As feses que bebi.....

Serei sempre em prol de te, donzella,
Ardente vencedôr,
Soffri.... estou cansado.... amo-te muito.
Agora.... o teu amor!?..

Deixa que os dias, que os annos corraõ
Que os valles, as campinas, as flores morraõ
E que tudo seja horror!...
Deixa que a viração passe saudosa
Mas, nos entendamos n'um olhar formosa
E que sintas meo amor!

Volvão-se os tempos—a treva, a luz, o dia
E tudo mais alem.....
Só em meo peito prescrutar tu deves
O segredo qu'elle tem!

Lilia Hovelton.

Theresina.

SECÇÃO LIVRE.

Mulheres e flores.

A' LILIA HOVELTON.

Meu amigo.

Tens talento e aspirações e melhor que eu podeis aquilatar o alcance d'estas duas palavras, que pronunciadas, banhão nossos ouvidos de torrentes de harmonias tão suaves e puras como o gorgear dos passaros á sombra da floresta.

A poesia moderna, mytho de sublimidade vasado no crisol das illusões, que embalsamão o coração das almas sensiveis e delicadas, resume-se n'estes dois nomes, que encerram o mais bello poema, gravado nas paginas do grande livro da natureza.

Mulheres e flores repete o universo pelo canto das aves, o susurro das brisas, os murmúrios

das correntes, pelo que tem de mais santo, que completa o idyllio sublime, que eleva ao criador, quando os ultimos vapores da tarde tingem o horizonte de formoso arrebol, como a tenue celagem, que apóz si deixa a nuvem fugitiva sobre o combro verdejante, ness'hora; em que o rude poeta sertanejo desfere na lyra sons não menos doces, nem menos ternos, ainda que impregnados de suave melancolia campestre, pois que são as vozes d'um coração verdadeiramente amante e sensivel.

Mulheres e flores dizem os harpejos do sabiã nas solidões selvaticas, o oscillar das auroras, o marulhar das tepidas ondas, os murmúrios da tenra folhagem e dil-o finalmente o teu estro ardente, inspirado cultor das musas!

Se fora licito remontar-nos as lucidas esphearas, onde giram os miriades de globos, que prestam-nos sua luz por essas serenias noutes estivaes, lá mesmo viriamos, talvez, estas duas palavras gravadas entre os annaes brilhantes das estrellas.

Na anthera da flor, pullula o polem:—é a perfeição.

No seio da mulher, germina o amor:—é o encanto!

E por um maravilhoso contraste das leis phisicas e moraes, é que é o pollem para o insecto, e o amor para o homem—dois poderosos attractivos, que justificam as tendencias d'uns para os outros.

As mulheres e as flores formam essa cadeia mystica e dourada, que nos prende a terra e inspira apêgo á vida, á despeito de quantos obices nos estorvam o passo na senda que trilhamos.

Sem os perfumes de uma e os encantos da outra, a existencia se tornaria uma hypothese absurda e o cahos da apathia surgiria ameaçador do meio d'uma insipidez intoleravel.

São estas ligeiras considerações o que de passagem me suggere o exame de tão sublime assumpto, cujo desenvolvimento deixo a espiritos mais cultos como o teu.

Costa Junior.

Louira.

Uma noite eu me lembro... Ella dormia
N'uma rede encostada mollemente...
Quasi aberto o roupão... salto o cabelo,
E o pé descalço do tapete rente.

Castro Alves.

A' sombra d'uma acacia ella dormia,
Reclinada na relva verdejante,
Que um chuva de pet'las desprendia
Das áuras ao bafejo trescalante.

Uma nota da brisa que passava
Dizia-lhe aos ouvidos: «Como és bella!»
E a virgem se agitando se enleava,
E o pejo incendiava as faces d'ella.

A lua que surgira n'esse instante,
Dizia-lhe: «Tu es o meu amor!»
E a virge' estremeceia, palpitante
O seio mal-velado de alva côr,

No regaço de suas louras tranças
O orvalho da noute se embestia,
E o vento que ondulava as verdes franças,
D'um chuveiro de flores a cobria!

E eu disse a virgem: «Dorme, dorme oh linda,
Emquanto o céu se abre a ti sorrindo!»
E a brisa repetiu passando ainda:
«Oh! como, como és bella assim dormindo!...»

Campo-maior—1882.

Costa Junior.

SECÇÃO NOTICIOSA.

Exames de preparatorios.—O governo suspendeu o pagamento dos exames geraes em todo o imperio.

Realmente é uma d'estas economias que não tem nada de economico.

Pois o governo querendo cortar uma fonte de despesa em razão do máo estado do paiz só encherrou o que se dá a instrucção, onde ha mil outras de menos necessidade?

E' extraordinario semelhante procedimento e em nossa humilde opinião, não se qualifica.

Temos felizmente ainda homens que olhando com indifferença para essas ninharias, se tem prestado gratuitamente afim de que a instrucção não soffra e os filhos desta provincia não fiquem prejudicados perdendo esse auxilio que o governo lhes deu, e tomou agora por falta de verba!

Assim é que se estão continuando a fazer os exames como d'antes, e o governo que achou grande aquella despesa recebe de mão abertas o que os estudantes lhes pagão pelo fornecimento de um diploma ou carta de exame.

Se todas as despesas cortadas viessem em resultado trazer uma fonte de receita para o paiz, como esta, feliz d'elle. Porem nunca é assim; corta-se hoje uma pequenina despesa que é util a todo o paiz, e abre-se logo depois uma outra enorme cavando assim a sua ruina.

Pobre paiz, em que mãos estão tuas redeas!
Que governo *benefico*!

Este foi o resultado dos exames que se tem procedido até 22 d'este.

Portuquez.

Plenamente com distincção.

Manoel da Costa Teixeira.

Plenamente:

Henrique C. da Costa Rubim.

Leonidas Benicio M. de Sá.

Geraldino Tavares da Silva.

Aprovados:

Arthur de Souza Rubim.

Benjaminio do Rego Monteiro.

Deolindo José da Fonseca.

Pedro de Alcantara Teixeira.

Rodrigo de C. C. Branco.

Latim.

Plenamente.

José Antonio da Silva Rocha.

Aprovados.

Pompilio Castro L. e Almeida.

Gonçalo Correia Lima.

Francez.

Aprovados.

Augusto de Freitas Cavalcanti.

Antonio B. F. Castello Branco.

Alvaro Gonçalves Pereira.

Raimundo de Freitas Almeida.

Thomaz Alves de Souza Bem.

2 reprovados.

Inglez.

Aprovados

Astrolabio José dos Passos.

Bonifacio Ferreira de Carvalho.

Pompilio de Castro L. e Almeida.

Arithmetica.

Aprovados plenamente.

Antonio Deoclecio do Rego.

Alvaro Gonçalves Pereira.

Firmino Alvares de Souza.

Leoncio do Rego Monteiro.

Pompilio de Castro L. e Almeida.

Pedro de Alcantara Teixeira.

Aprovados.

Augusto de Freitas Cavalcanti.

Benedicto Francisco Ribeiro.

Thaumaturgo Sotero Vaz.

Thomaz Alves de Souza Bem.

4 reprovados.

Desculpa. — No ultimo n. de nosso jornal demos uma noticia a respeito do acontecimento que se deu entre o dr. José Faustino e o sr. Arthur Hollanda não muito exacta, apesar desse facto se ter dado em nossa capital; porem fomos mal informados, pelo que pedimos desculpa a nossos assignantes e o publico.

O dr. José Faustino vai melhorado graças a Providencia, e estimamos que assim continuê até completo restabelecimento.

A FLORESTA

ORGÃO DO PROGRESSO E NOTICIOSO.

REDIGIDO POR UMA ASSOCIAÇÃO.



Distribue-se duas vezes por mez, e assigna-se a 12500 reis por trimestre.

Para servir-vos, braço, ás armas feito:
Para cantar-vos, mente, ás musas dada.
CANÇÕES.

A FLORESTA.

Theresina, 7 de Agosto de 1882.

Eis nos firmes no cultivar insano de nossa «Floresta»!

Bem curto é ainda o nosso itinerario, e muitos são os tocos que parecem resistir ao golpe invencível da nossa vontade, muitos são os ramos que teem entrelaçado os nossos passos, muitas são as barreiras que se abrem aos nossos olhos, e, entretanto ainda nos resta força e esperança para proseguirmos a jornada que começamos através dos raios da gloria que nos arrastão ao cumulo do seu solio deslumbrante!

Romeiros como somos, não tememos a borrasca enfurecida que alem bramindo, amedronta o viajor, e faz tombar o pinheiro colossal, que ás nuvens erguia o estandarte de sua folhagem!

Colonos incansaveis não deixaremos de abrir, com a penna—a elfa productiva, e nella plantar o germen de nossas inspirações!

Tomamos sobre nossos hombros um encargo de difficil execução; é preciso romper as difficuldades, e, emquanto nos illuminar o fogo da aui-mação, saberemos cumprir nossos deveres.

Aproveitamos o ensejo para agradecer aos nossos assignantes o acolhimento que nos teem prestado, e á par dos grandes embaraços que nos cercão, saibão desculpar as faltas que temos commettidos em tão ardua, quão gloriosa tarefa.

Creemos ter observado o nosso programma no vencido trimestre; portanto quem se julgar prejudicado nos seus direitos de assignante, poderá fazer suas reclamações perante a respectiva redacção, que será attendido e pontualmente satisfeito.

SECÇÃO LIVRE.

Nuvens e vagas.

As nuvens são flocos de brancas espumas
Que as vagas impellem contentes p'r'o ar;
As vagas são nuvens que correm serenas,
Que brincão, que saltão na tona do mar.

Aquellas são anjos de brancas roupagens,
São genios mimosos, aerios, luzentes;
As vagas são sylphos que adejão serenos
No branco sudario das aguas moventes.

As nuvens são leves canôas á vela,
Singrando ligeiras nas azas do vento;
As vagas são tristes, formosas donzellas
Que chorão na praia com terno lamento.

E quando as estrellas, luzentes florinhas,
Despontão risonhas nos campos azues;
—As nuvens mais quedas—são longas cortinas,
As vagas espelhos fulgentes de luz.

As nuvens são flocos de brancas espumas
Que as vagas impellem contentes p'r'o ar;
As vagas são nuvens que correm serenas,
Que brincão, que saltão na tona do mar.

Campo-maior—1882.

Costa Junior.

Astros e flores.

A JOSÉ JOAQUIM DE M. AVELLINO.

Na hora em que as vagas soluçam queixumes,
Que a virgem delira nos sonhos azues,
As flores derramam divinos perfumes
E os astros gottejam torrentes de luz.

As flores são virgens que dormem veladas
Em mantos de gase, nas dobras de um véo,
E os astros são anjos de faces nevadas,
Que brincam risonhos nas franjas do céu.

Por sobre as campinas, nas matas umbrosas
Despontam mil risos por entre mil flores;
No seio das nuvens—deidades formosas
Os astros desprendem brilhantes fulgores.

1 8 8 2

AGOSTO - N. 6

E as flores e os astros se fitam distantes
Em longos extâses de ardente paixão;
Os astros rutilam nas plagas brilhantes,
As flores se mostram risonhas no chão.

Por entre as ossadas que a campã regeita,
Pululam rénovos genitís e fideitês;
E n'esses despojos que a mente respeita
Rutilam da vesper fagulhas nitentes.

E as flores na terra são lindas estrellas
Bem como as estrellas são flores no céo:
A flor nos encanta brilhando singela,
O astro nos prenda rasgando o seu véo.
Campo-maior.

FABIO J. DA COSTA.

—(=:):—

A Imprensa.

Dizei a Europa: «Sou forte
Nasci nas dobras do norte
Minha ideia é progredir.»

OLIVEIRA SOBRINHO.

No começo só trevas havia,
Nem se fallava na luz,
Foi então que Deus mandou
—O fiat que tudo produz!
Depois o homem s'ergueu
Do cahos em que se perdeu,
Bradando ao mundo: Marchar!
E o mundo q'era parado,
Por esse grito abalado,
Começou a caminhar!

Pouco a pouco surgiram
Os vultos da instrução;
Quem mais primou n'est'arte
Foi dos Gregos a nação.
De todos esses colossos
Só restam agora os destroços
Das mais sublimes ideias;
E' Homero—o indigente,
E' Virgilio—omnipotente,
Laureados de opoepias!

Por fim de lá d'Allemanha,
D'aquellas brumas fataes,
Sahiu um vulto gigante
Para o gremio dos mortaes;
E' seu nome—Guttemberg!
Bradando á Imprensa: «T'ergue,
As ideias vai libertar!
Serás dos homens a gloria,
Haverás sempre a victoria
De tudo que conquistar!

E veio, e libertou-nos
Dos grilhões da escravidão,
Qual outro Christo na cruz
Consummou a redempção!
Quebrou a grande cadeia,
Libertou a nossa ideia,
Dando livros para pensar;
E a penna foi a espada,
Que rompeu a grande estrada,
Para o mundo caminhar!

Redactores da—Floresta—
—Pregoeiros do porvir,
Vós que daes ideia ao povo
Para o povo progredir,
Avante! não trepideis!
Tarde ou cedo achareis,
Na senda do progredir,
A palma qu'assim sangrados,
Procuraes arrebatados,
P'ra vossa frente cingir!

Cesar Santos.

Ceará—Julho de 1882.

—(=:):—

A Carlos Gomes.

Que musica sonora, harmonica e vibrante
As fibras do sentir nos vem arrebatat?
Será o sol que irrompe das brumas do orient
Ou o surdo borborinho da onda a se agitar

Não! E' a flamula da crença e o labaro da
Unindo-se, fraternos, em doce communhão!
E' o osculo bemdito do martyr do trabalho
Nas faces incendidas do filho da razão!...

A arte é da familia o templo sacrosanto,
A ideia é do talento o esplendido fulgor,
Unidas como irmans, nas urzes do caminho
Mil osculos derramão suavissimos, de amor!

Maestro: A luz procreadora do sol americano
Na fonte derramou-te a chamma da poesia,
Nos olhos o fulgor do sol da inspiração,
Nos labios um sorrir de vida harmonia!

Ao ver-te a natureza pasmada e jubilosa
De galas adornou-se, risonha e deslumbrante,
As flores derramarão mais calidos perfumes,
E as aves consagrarão-te um hymno palpitante.

E a deusa da poesia suave e magestosa,
Com o risó fascinante que o jubilo traduz,
Abrindo do futuro as tremulas cortinas,
Serena te aceitou aos paramos da luz!

guistes; e do talento os vôos sublimados
fronte te ennastrarão de viridos laureis,
Nas azas da harmonia, subindo—ergueste a patria,
E a patria agradecida prosterna-se a teus pés!

Anisio de Abreu.

GAZETA DE NOTICIAS.

—(=:):—

A' minha....

Tu és a minha gloria, o meu facturo,
A minha idolatria;
Sem ti, sem teu amor, meu pobre nome
Em o que seria?

Tu és o meu orgulho, o meu phanal
A estrella que me guia
Que me leva seguro pela mão
Ao templo d'alegria.

Tu és, oh! ideal, meu pensamento...
...Uma gota d'ambrozia;
E's um anjo sublime que apaixonou,
Um typo que extazia.

Tu és minha vida o meu alento
E's a minha ufania
Tens ahí nos lindos, negros olhos
A luz que me allumia.

Tu és, oh! minha—bella a ambição
Da minha fantasia;
Sem ti, sem teu amor meu pobre nome
Em o que seria?

Julho, 9 de 1882.

Thelauro.

SECÇÃO NOTICIOSA.

Melhoramento. — Do sitio denominado «Salobro» distante d'aqui 5 leguas, situado perto da margem direita do Parnahyba á cima, á morada—Mutum,—viajava-se outr'ora por um caminho escabroso e semeado em toda a sua extensão de rispídos pedregulhos que, com o calor do sol dos nossos sertões, difficultavão, em extremo, a marcha dos viandantes, que sangravam os pés n'esse mar de lagedos, em quanto o suor lhes banhava a fronte pela fadiga da jornada.

Hoje, porem, graças ao genio philanthropico e humanitario do tenente coronel João da Silva Britto, esse caminho pedregoso foi substituído por

uma larga e plana estrada que, cortando uma máta virgem e amena, poupa aos transeuntes uma legua de menos, e dá-lhes o frescor das balsas que tanto reanima o viajante que transpõe silencioso esses longos estirões, e affronta, impavido, os perigos das solidões!

O sr. tenente coronel João da Silva Britto mandou abrir essa estrada que mede 2 e meia leguas de comprimento, no intuito de facilitar o transito dos productos a lavoura, o commercio emfim dos lavradores do centro onde reside e cultiva; e para isso não foi arrastado pelo azinhavre do cobre que tanto inebria o homem cubicoso: fel-a com seus braços, e, como um agricultor que gosta de ver o progredir incessante da cultura de sua provincia natal.

Serviços como estes não teem qualificativo com que se possa exprimir o grão de louvor, e no nosso humilde entender, julgamos que são muito mais dignos de serem registrados nas columnas de um jornal, do que as visitas de s. exc. aos estabelecimentos publicos de uma capital.

Movimento litterario.—Lê-se na «Parahyba», jornal publicado na Parahyba do Norte, o seguinte:

Diz a «Gazeta de Noticias», da côrte, que este anno vamos ter um movimento litterario como talvez ainda não tenhamos tido:

Machado de Assis publicará com o titulo de *Papeis avulsos* uma serie de contos mimosos e paginas humoristicas.

Silvio Romero publicará a primeira parte da «Instrucção á historia da litteratura brazileira.»

Araripe Junior publicará um volumoso estudo sobre José de Alencar, em parte já dado á luz na «Revista Brazileira».

Assis Brazil dará a segunda edição da *Republica Federal e a Historia da republica rio-grandense.*

Valentim Magalhães publicará o annuciado *Deus em viagem.*

Theophilo Dias publicará as *Fanfarras.*
Raimundo Coriêa publicará um volume de versos, cujo titulo por ora é um mysterio.

«Oh! bemdito o que semêa
Livros... livros á mão cheia...»

Escola normal.—Por acto de s. exc. o sr. presidente da provincia, de 29 do mez passado, foram nomeados professores da escola normal, os seguintes cidadãos:

Para lente da 1.ª cadeira—portuguez, Raimundo Borges da Silva;

2.ª cadeira—arithmetica, José Joaquim de Moraes Avellino;

3.ª cadeira—geographia, dr. Simplicio Coelho de Resende;

4.ª cadeira—trabalhos de agulha, d. Joaquina Candida de Lima Castro;

Para o lugar de amanuense da mesma escola foi nomeado o tenente João Baptista de Souza Martins.

Os cavalheiros escolhidos por s. exc. para o magisterio são vantaço a nome habilitados especialmente os srs. dr. Simplicio Coelho de Resende, e nosso particular amigo Avellino Filho.

Este ultimo alem de reconhecida intelligencia, tem todos os preparatorios para os cursos superiores do imperio.

A exm. sr.ª d. Joaquina Candida de Lima Castro reúne ás bellas qualidades com que dotou a natureza, um espirito cultivado sobre as materias do ensino que lhe foi distribuido. Não podia ser mais acertada a escolha de s. exc.

Felicitando os nomeados, fazemos votos para que o resultado corresponda a nossa bem fundada expectativa.

Correio geral do Maranhão.—Foi nomeado contador d'esta repartição o sr. Augusto Cesar de Macedo Brito.

Applaudimos sua nomeação porque temos perfeito conhecimento das habilitações do sr. Macedo, seu zelo e honestidade como empregado publico.

Felicitemos a s. s.

Espectaculo. — Na quinta feira (3) da semana passada deu o professor Barcia o terceiro ensaio (como mesmo denominou em pleno e claro palco) em beneficio de um s orphão que se prestarão aos seus trabalhos.

O sr. Barcia com aquelle porte elegante e encantador com que a natureza ornou ao grande e inimitavel magnetico, com aquelle jogo de scena arrebatador que só elle teve o dom de possuir mais uma vez embasbacou uma platêa não menos crescida, exhibindo *ipso facto*, o esgote de seu repertorio, e deleitou-a com aquella caceteação, bem conhecida de quem, á meia noite, pesavão-lhe as palpebras, e ouvia o rumor daquella voz argentina que arroubava as cordas da harpa do grande e immortal David!

Não deixamos, comtudo, de admirar as maravilhas do sr. hospitaleiro que satisfez summamente a expectativa do publico alli presente; pois impetava sobre o professor Barcia, como se elle proprio estivesse debaixo da influencia do seu magnetismo, quando calmamente dizia:

Continue sr. Barcia o seu serviço.

Os theresinenses estão quasi assombrados com

os prodigios do *bicho-homem*, e receiamos que o sr. Barcia, n'um acto de delirio não possa desmagnetisar uma platêa inteira.

Pois quem não abre mil vezes a bocca na occasião dos actos?

Vá-se embora ó senhor Barcia

Por favor, oh! por bondade

Não precisa que digamos

—Não é fingido, é verdade!

Fallecimento.—No dia 30 do mez passado fallecera n'esta cidade, depois de prolongada enfermidade, d. Anna Camilla de Oliveira Leticia, contando 50 annos de idade. Morava a fixada no lugar «S. João», municipio da União, em companhia do seu charo filho, o sr. Luiz de Oliveira Costa; sentindo aggravarem-se os seus padecimentos, resolveu vir aqui procurar lenitivos no seio da sciencia medica; mas a sorte que é caprichosa nos seus designios, de autemão lhe havia preparado o tumulo!

O seu cadaver jaz depositado no cemiterio publico.

Acerte, pois, o seu inconsolavel filho, e seus dignos sobrinhos, nossos particulares amigos Enêas Alves do Nascimento, Antonio da Costa Rabello e Francisco da Costa Rabello, nossos profundos sentimentos.

O «Diablinho».—Recebemos este interessante jornalzinho que se publica na cidade do Baturité (Ceará).

Agradecemos a offerta e enviamos a sua redacção a nossa «Floresta».

O credo popular.—Lê-se no *Commercio do Amazonas*:

Creio em deus dinheiro, todo poderoso, creador dos bons empregos honras e posições e no empenho, seu unico filho nosso senhor, o qual foi concebido por obra do espirito vergonhoso da immoralidade; nasceu do democrito, ficando sempre virgem, padeceu sob o poder de Pedro 1.º rei de Portugal: foi crucificado, morto e sepultado; desceu aos infernos, donde surgiu depois da morte deste rei; subio ao mundo, onde está assentado a mão direita de outros governos, todos poderosos, de onde julga os vivos e os mortos.

Creio no espirito da cabala, na santa constituição do imperio, na communhão do partido liberal, na remissão dos conservadores transfugas, na resurreição da carne verde mais cara e na vida eterna da corrupção geral. Amem.

A FLORESTA

ORGÃO DO PROGRESSO E NOTICIOSO.

REDIGIDO POR UMA ASSOCIAÇÃO.



Distribue-se duas vezes por mez, e assigna-se a 1,2500 reis por trimestre.

Para servir-vos, braço, ás armas feito:
Para cantar-vos, mente, ás musas dada.
CAMÕES.

A FLORESTA.

Theresina, 24 de setembro de 1882.

Já a insufficiencia de meios, já a procrastinação do proto desta pequena folha, concorrerão poderosamente para a suspensão temporaria da publicação deste mesmo periodico. Vamos entrar no 2.º trimestre confiados na benevolencia do publico apreciador do progresso e da instrução, que é a vida do homem que respira a pura atmosphera de um mundo civilisado.

O publico thesesinense que sabe apreciar o quanto valia a instrução de um paiz, não nos deixará, de certo, perecer no campo da Imprensa—a sublime patria de Guttemberg, concorrendo com o seu pequeno obulo, para a realisação dos nossos mais ardentes desejos—o combate das trevas, que ainda reinão n'um seculo de luz e fogo!

Ninguem ignora talvez as dificuldades com que se lucta, e a indifferença, com que sempre encarão uma empreza, que tem por diadema o progresso, e por inimigo o monstro das trevas e da ignorancia!

Com quanto fracos apostolos da instrução, subiremos, se for preciso, ao calvario para morrer nos braços ensanguentados dos algozes da redempção das letras!

Propugnadores das idéas do desinvolvimento e engrandecimento dos povos, não duvidamos empunhar a espada no pugilato dos tempos, embora cahiamos feridos pelo golpe do adversario, que nos innunda as vestes com o proprio sangue do nosso corpo, já sem alento e sem vida.

Não precisa mais dizer: é claro, é manifesto esse luctar que enfraquece o mais forte soldado de Cesar, e amesquinha o pulso ainda mais lidador.

Não é preciso mais dizer que, qualquer empreza instructiva que surge do seio da ardente mocidade piahyense, é votada a um completo esquecimento e inencetavel, repugnante e inexoravel indifferença, por aquelles que deverião ser

os proprios a excitar o enthusiasmo e o estimulo pelo saber, e espancar a inercia que infelizmente impera em corações que podião ser despertados desse lethargo profundo, pelo echo de um poderoso—Avante!

Não é preciso dizer mais.

—:—:—

A policia apoderando-se da propriedade alheia.

Por occasião de incendios n'esta cidade os soldados apoderão-se à força, com ou sem ordem da autoridade competente, dos animaes que conduzem agua, e levão-n'os para o lugar do fogo, conduzindo as cargas que julgão necessario.

Terminado este, o soldado manda entregar o animal por qualquer pessoa, sem a menor satisfação, de sorte que fica o proprietario lesado em seus interesses e o animal bastante maltratado em razão dos mesmos esbordoarem-n'o de um modo cruel e inconveniente.

A policia não pode fazer com que ninguem concorra para um acto de caridade, pois que isso é de livre vontade, e nem tão pouco apossar-se de qualquer objecto alheio para esse fim, sem que indemnise em seguida ao dono a importancia do trabalho do mesmo, sem o que torna-se o contrario do que devia ser, isto é, em vez de dar o seo a seo dono, toma-o sem a menor cerimonia.

Isto é mais que absurdo, é mais que immoralidade, é.....

Não está conforme os dictames da boa razão, semelhante procedimento!

Se por ventura o agente da policia inutilisar o animal por quatro, seis ou oito dias, como é provavel, quem paga semelhante prejuizo?

Se o animal morrer proveniente das pancadas com que os soldados o mimisão por lhe' estar prestando tão relevante serviço, ou mesmo na occasião opportuna, quem indemnisa ao dono a justa quantia que pode valer o dito animal?

1 8 8 2

SETEMBRO - N. 7

Pedimos alguma medida ao Dr. chefe de policia, para que não se continue praticar semelhante abuso

DYNAMITES

Com este titulo, aliás exquisito, formaremos d'agora em diante, e talvez com frequentes interrupções, uma nova secção ao nosso modesto jornal que longe de ferir, em temerario, a susceptibilidade do nosso proximo, tem, pelo contrario, se sabido collocar á salvo d'esses prejuizos, respeitado a decencia e moralidade, distribuido a justiça, como o fazia o poderoso e sabio rei Salomão, e retribuido delicadamente a venia a quem tem feito a honra de lhe dirigir o elegante, cortez e bem estudado *rapapé*...

Sem querermos, nos jactaciavamos, como um d'esses *bitires*—titeres de estreito *frak*—dura camisa de *Pariz*—botinas de fino *bico*—cartola bem torneada—largas calças bem *cahidas*—*double* cadêa de *plaque*—collete *cheio* no peito—juntandose a tudo isto uma cara *destambida* com dois olhos de pardos *vidros*—bonecos que a moda enfeitada, como disse Casimiro; mas não faça caso d'isto o leitor e perdoe a nossa franqueza, que é ornamento da verdade.

E talvez uma secção critica que vamos abrir nas acanhadas columnas da « Floresta »; sim; critica, se critica foi e se puder chamar-se é o que o leitor encontrará nos *dynamites*; ou apenas juntamos á ousadia de criticar conscienciosamente, a vontade de corrigir abusos que possam, sem receio de offender os principios da moral, apparecer aos olhos do publico, para serem devidamente apreciados. Dito isto já vê o leitor que os *dynamites* não offerecerão graça alguma e, se já sentia cocegas nos labios, queira ter a bondade de ficar *andré* como se costuma dizer e que, por habito, está introduzido tão feio ridiculo e dispensavel vocabulo, no nosso tão bello e diamantino idioma.

Ambulante e *Tagarella* são dois typos assás espirituosos, dois amigos do intimo do coração, ambos se querem muito, ambos vinculados pelo fio da *sympathia* parecem dois irmãosinhos gêmeos, ambos fieis e discretos nos fornecirão materia, servindo ao mesmo tempo de interpretes, narrando-nos os movimentos d'esta santa e encantadora terrinha.

—Donde vens? perguntou *Tagarella* com um ar senhoril.

—Do passeio.

—Que ha de novo?

—Nada... Ora você sabe de uma?! Vê-se cousas!...

—Que foi então?

—Encontrei-me com aquelle menino que foi na comitiva do presidente ás cachoeiras em desobstrucção da Varzea da Cruz... pedi-lhe informações d'aquillo por lá, e o menino desenrolou a lingua, que disse-me cousas... cousas do arco da velha. Depois de fazer-me uma breve, succinta e animadora observação sobre os trabalhos da commissão de engenheiros que todos nós admiramos e louvamos, contrastou-os com os do estabelecimento da colonia de S. Pedro de Alcantara. Disse-me que alli os educandos vivem descalços, sujos, maltratados, e ao que parece, preguiçosos e indolentes; não obstante a boa disciplina que os rege—a disciplina do *tronco* que os antigos usavam para domar o genio dos africanos captivos!

Ao passo que o engenheiro Netto, que não foi incumbido pelo governo, fundou uma escola nocturna nos lugares onde se acha abarracado, e ensina os seus discipulos de uma maneira instructiva e delicada.

Em fim que os engenheiros trabalham e com muito proveito e dedicação; mas o director da colonia!!! é o menino fez uns *pontinhos*...

Contou-me tambem uma passagem que se deu á bordo do vapor, entre um tenente coronel e o Joaquim cego.

A creança olhou-me com uns olhos espantados, mas o *fraco* lhe venceu e ella contou-me a historia. O cego, meu amigo, quasi apanha do tenente coronel, que rugia, como uma fera diante de sua preza. E o cego que é historiador, geographo e poeta ao mesmo tempo, improvisou:

«Gram Senhor, Czar da Russia,
Deste Imperio poderoso!
Se Succia tem *pinheiro*,
Piauhy crea coqueiro!

Ah! Piauhy! Piauhy! como te transformas em Roma antiga, abrindo as portas a um novo calendarista! O tempo! ó mores! declamava *Tagarella*.

—Que tens, meu amigo, que te passa pela mente? *Ambulante* perguntava.

—Ah! não posso me esquecer daquella caçada official... digo e com muita razão que o mez de Agosto transformou-se em Abril.

—Santa Maria de Madagascar!

Não temas... olha... escuta bem:

Um dia cahiu das grades,
Das mãosinhas do Miguel,
S. P.—será presente...
Seja entregue a seu Manoel.

Meu santinho venha cá!
Como é triste? está zangado?
Vire o bolso... não s'arrufe,
Que tú foste nomeado...

Sou pequeno, mas eu sei—
Quanto custa a gratidão!
S. P.—será gravado
Bem dentro do coração!

Meu pincel ha de fazer
Um retrato, um figurinho...
Uma *cruz* é um martyrio
E não fecha o Villariinho.

Meu bom Silvio não lamentos
Esta vida é mesmo assim...
Uns cantando, outros chorando
Passam os dias n'um festim.

A *Rosa* chegando o tempo
A semente te dará,
E talvez que no jardim
A *chave* se perderá...

Antoninho, paciencia!
Tu *conservas* amargura...
Compra a *chave* qu' o Candá
Comprará a *fechadura*.

Se o tempo já não permite
Conservar só dois *Collaço*,
O vento que vem soprando
Quebrará talvez o laço...

—Bravos! bravos! meu *Tagarella*, és um poeta de força! Os homens erigir-te-hão sobre o cabeço da pyramide do largo da Constituição uma estatuasinha de pura *neve*.

—Deixe de modestia...

—Adeus, meu amigo, vou partir para a Beocia á procura de luzes.

—E eu, meu *Ambulante*, partirei para o Imperio Celeste; quero fumar cigarros á opio e comer arroz com palitos.

—Mas breve voltaremos.

ARENA POPULAR.

Um agente de seguro de vida no Piauhy.

Em principios d'este anno meu mano José Teves de Alencar residente em Manãos, remetteu-me pelo sr. Augusto Cesar de Sá Pereira, agen-

te da companhia Garantia do Futuro do Rio de Janeiro, dous chapéos do Chile no valor de 70\$000 rs.

Aqui chegando o sr. Sá Pereira entreteu por algumas vezes conversações commigo e nem se quer de tal cousa me fallou. Passado algum tempo soube por cartas de meu mano que me tinha remettido os ditos chapéos, e por minha infelicidade já o sr. Sá Pereira se tinha feito de vela, procurando mais algum para *segurar* a vida. Descobri mais tarde que elle offerecera a diversas pessoas os chapéos, e que vendera publicamente a um individuo por 60\$000 rs.!

Similhante procedimento quasi que não se deve commentar.

Não são precisamente dessas maneiras menos escrupulosas que deve lançar mão o individuo que apparece em um lugar para *segurar* a vida alheia, pois faz crer que só procura *arranjar* a sua e de um modo não invejavel.

Sirva pois esta minha declaração de aviso ás pessoas que fizerão contractos com aquelle *figurão*, para bem avaliar o grão de dignidade do individuo a quem foi confiado uma commissão alias importante.

Theresina, 23 de setembro de 1882.

Otoni O'donnell de Alencar.

— «:==»: —

Vem!

Meu Deus, as estrellas são louras fagulhas
Que o manto da noute salpicam de luz!
No céu ha encantos, na terra poesia,
E os prados se esmaltam de flores azues!

Os sylphos desprendem seus hymnos festivos,
Libando perfumes em taças de mel;
As brisas murmuram sonoras endechas
Nas moutas virentes de grato vergél.

O' vem! A natura nos abre seu seio
Com magos transportes de riso e de amor;
Das vastas campinas nos verdes tapetes
As selvas se expandem da lua ao fulgôr.

Alem prezo á margem do lago sereno,
Garboso se embala meu barco veloz
Embreve esta terra que agora pisamos
Veremos ligeira fugindo de nós!

Nas noutes de estio, á luz das estrellas
O mar nos enleva com doce magia;
No céu ha encantos, brilhantes primores,
Na terra ha poemas de grata harmonia!

Que frases sentidas, que longos arroubos
De ardentes affectos, que estranha loucura !...
Que lindas paizagens, que gratos perfumes,
—Unida á meu peito—que doce ventura !...

Não tardes ! Distantes das vistas do mundo
Contentes veremos os dias correr !
Não tardes ! Felizes assim viveremos
N'um laço ligado teu sêr á meu sêr !

Campo-maior—1882.

Costa Junior.

PENNA MENSAGEIRA.

Uma joven esperançosa.— Da capital do Ceará refere-nos um amigo que uma moça muito joven ainda, submettendo-se, perante a commissão do governo, a exame de quatro preparatorios—Arithmetica, algebra, geometria e inglez, deu mostras de profundo conhecimento das materias, obtendo em todas, approvações distinctas. Eu mesmo, accressenta a pessoa que nos escreve, fiquei admirado de tanta erudição em um coração tão debil e tão novel !

A habil examinanda tem mais dois exames de preparatorios, feitos no Rio de Janeiro—francez, em que foi approvada com distincção, e da lingua patria, cujo resultado foi satisfactorio.

As duas linguas estrangeiras falla com toda a perfeição.

O nosso noticiador, porém, tirou-nos do prazer de mencionar o nome de tão distincta compatriota, esquecendo-se de mencional-o na sua missiva; o que realmente não podemos deixar de sentir muito.

E' mais um exemplo do amor pela instrucção, que summamente honra e eleva a bella classe de Eva, e por ella deve ser imitado, mormente, quando lhe é proporcionado este meio. E' mais uma prova para que o bello sexo, esquecendo um momento os trabalhos de *crochets* entreguesse ao estudo das letras, onde ha um horizonte de mais luzes e um futuro mais risonho e mais esperançoso. Uma moça rica de belleza e de instrucção, não lhe será preciso a riqueza do ouro; torna-se mais encantadora, ainda mais amavel, e até os passaros se calarão para ouvir-lhe fallar o francez ou discorrer sobre um ponto de philosophia. E' um facto que achamos de proveito apresentar ao publico, e oxalá que as nossas patrias, revistindo-se da santa ambição que deve ornar os nobres corações, sigam o exemplo da joven cearense que para o futuro ha de occupar um lugar honroso entre as pessoas que se dedi-

cam ás letras no nosso imperio, e façam assim prevalecer o nosso intento.

Passamento.—Succumbio n'esta cidade no dia 12 do corrente mez, Manoel Moreira do Carmo, sob o peso de uma grave molestia, que ha muito procurava roubar a vida a este pobre, mas trabalhador e zelozo typographo.

Deus tenha sua alma na mansão dos justos.
Nossos pezames ao irmão do fallecido, Viriato Rios do Carmo.

Outro.—Falleceu á 11 deste, D. Maria Magdalena dos Santos Grillo, virtuosa esposa do nosso amigo João Alves dos Santos Lima, a quem apresentamos nossas condolencias; assim como aos mais parentes da finada.

Aviso.—Rogamos a todos os nossos assignantes que se achão em atrazo em suas assignaturas, o favor de mandar satisfazer as suas contas; com o que farão grande beneficio a esta empresa e merecerão da nossa parte não pequena gratidão.

Chegada.—Achão-se entre nós, nossos prestimosos e distintos amigos, Fabio José da Costa e Antonio da Costa Junior.

Comprimentando aos sympathicos e intelligentes hóspedes, desejamos-lhes uma longa e feliz permanencia.

Ainda outra.—Acha-se n'esta cidade o Sr. Francisco Figueiredo Duarte que veio em companhia de sua digna filha a Exm.^a Sr.^a D. Olympia Figueiredo Bastos, recentemente casada, em Campo-maior, com o Sr. Francisco de Mello Bastos, distincto commerciante d'esta praça.

Comprimentamos ao joven par e desejamos que o Sr. Francisco Duarte houvesse feito feliz viagem.

Consortio.—Hontem ligou-se pelos sagrados laços do hymineu o Sr. Norberto José de Vasconcellos, com a Exm.^a Sr.^a D. Ignacia Ribeiro de Vasconcellos, filha do nosso particular amigo José Ribeiro Soares.

Felicitamos aos conjuges, desejando-lhes uma vida longa e cheia de flores.

Ultima hora.—Consta-nos que fallecera na capital do Maranhão, onde havia fixado sua residencia, o coronel José de Araujo Costa, que tanta influencia exercia nesta provincia. Muita razão temos para prantear a morte deste cidadão que soube cumprir com os deveres do homem que por sua alta posição merecia a estima, o respeito e a consideração de todos.

A terra lhe seja leve.

A FLORESTA

ORGÃO DO PROGRESSO

REDIGIDO POR UMA ASSOCIAÇÃO

Distribue-se duas vezes por mez.
Assigna-se a 28000 reis por trimestre:
Pagamento adiantado.

Bendita a grande luz! Da treva imensa
Desfez-se a escuridão;
O sol dá brilho ao mundo,—o sol da imprensa
Dá mundos a raça!
(E. Vidal.)

EXPEDIENTE

AVISO.

Acham-se encarregados de fazer a distribuição d'este jornal, bem como de receber as importancias das respectivas assignaturas os nossos amigos seguintes:

Tenente Apolinario Monteiro da Cunha, thesoureiro da empreza, nesta capital.

Tenente Benedicto da Costa Fernandes, na Parnahyba.

Antonio Maria Eulalio Filho, em Campo-maior.

João da Cruz Monteiro, em Marvão.

A FLORESTA

Theresina—30 de Outubro de 1883.

Através dos tempos a mocidade em suas manifestações brilhantes soube se constituir a romeira auspiciosa do futuro, a seiva fértil do porvir.

Foi por isso mesmo que se tornou forçoso descerrarem-se nossos lábios na consignação de uma palavra, expandir-se nosso coração a medida de um desejo e sobre tudo patentear-se nossa alma na exposição das ideias que constituem seu elemento vital.

Surgiu a *Floresta* como a synthese de tudo; e um acolhimento fagueiro não se fez esperar da parte do povo thesesinense.

Palavras de conforto, onde transparecia a abundancia dos affectos, precederam sua resurreição no mundo real.

E outra recepção não fora dado imaginar que nos fizessem, pois que

a indiferença para aquelles que na affabilidade buscam o nutrimento espiritual é mais penetrante que a lamina de um estyete e talvez tão gelada como a própria morte.

Em retribuição desprende se-nos um voto de sincero reconhecimento, á parte da segurança de permanecermos fieis a nossa profissão de fé.

Queremos instrucção

Senhores que dirigis os destinos do paiz, felicitaes o seu povo.

Estamos no escuro. Precisamos de luz. E a luz que queremos é a instrucção.

A instrucção é—a baze da civilização; a civilização,—o adiantamento dos povos; o adiantamento dos povos,—o engrandecimento das nações; o engrandecimento das nações,—a felicidade de todos.

Felicitaes-nos, Senhores, queremos ser felizes.

A vós, que accetastes a alta e espinhosa missão de governar o Brasil, cabe forçosamente—ou a responsabilidade immediata de sua ruina e atrazo,—ou a gloria de seu progresso e adiantamento.

Se causardes a ruina da patria, tereis o anáthema do povo, sereis apedrejados; se, porem, promoverdes o seu progresso, tereis a sua gratidão, sereis respeitadas.

Optar por uma ou outra das hypotheses é de facil intuição.

A execução da primeira nada custa, mas degrada.

A da segunda é difficil, mas enobrecce.

Preferis a ultima, nós o acreditamos, por que por nós vos julgamos e nol-o diz a consciencia.

Pois bem, Senhores: si, como dissemos, preferis a ultima, se quereis o engrandecimento da nação traba-

lhai pelo engrandecimento do povo. por que o povo é a nação.

E o povo quer, e o povo deseja engradecer-se e tem direito a exigir do governo a promoção de seu engrandecimento.

Para o povo ser grande é preciso ser civilizado e para ser civilizado é necessario ser instruido. Instrui-o pois, senhores.

Ampliai e melhorai a instrucção, creai escola aos milhares, confiaes a professores habilitados e remunerai bem os seus serviços.

Sois grandes e poderosos, tudo podeis fazer.

Pois bem; cultivai a intelligencia do povo, fazei o tambem grande e poderoso, conhecedor dos seus deveres e direitos muitas vezes ignorados.

O povo quer elevar-se, deseja subir para ser considerado e fazer respeitar a nação, mantendo a sua ordem, disciplina e dignidade.

Auxiliai-o em tão justo empenho. Vós cogitaes, concebeis e formulaes leis em todos os sentidos.

Entre essas leis podeis vos esquecer de tudo, menos de vexar o povo com a contribuição e pagamento de impostos pesadissimos, com que encheis de ouro os cofres do erario.

Ainda entre essas leis existe uma que merece menção especial.

E' a lei de 28 de setembro de 1871, libertando o ventre da mulher escrava;—a mesma que deu começo entre nós a extincção de elemento servil.

Sectarios francos e bem pronunciados da ideia abolicionista, nós não condemnamos essa lei e antes a reclamariamos, se ainda ella não existisse, mas forçoso é confessar que ella foi offensiva ao nosso direito de propriedade.

Sim, feristes com essa lei o nosso direito de propriedade, mas nós a recebemos bem e consentimos na sua execução, sem deixar escapa-

1 8 8 3

OUTUBRO - N. 2

uma queixa, um protesto se quer, porque a reconhecemos como uma lei humanitaria e beneficente; por que applaudimos o fim a que ella se propoz, que foi extirpar do seio liberal da sociedade brazileira a horrenda escravidão—essa nodosa repugnante e nojenta que a emporcava e cuja ainda hoje, em menor escala, porque comprehendemos que ella veio restabelecer um direito de liberdade ha muito violado e quasi perdido, arrancando ao azorrague centenaes de infelizes.

O povo foi, é certo, espoliado de seu direito de propriedade e consentio sem estremecer a espoliação.

Porque?
Porque ella importava n'um passo mais dado para a civilização e engrandecimento da patria que não de-seja ver humilhada.

Fez mais ainda e é aqui a nobreza dos seus sentimentos.

Creou em quasi todas as provincias sociedades abolicionistas e, cheio de satisfação, trabatha com ardor e vivacidade pela sympathica e grandiosa causa da remissão dos captivos.

E' nobre o sentimento do povo!
E, quando o sentimento do povo é nobre, é bonito, é nobre tambem trabalhar-se pelo desenvolvimento de suas faculdades intellectuaes para enobrecer-o mais ainda.

Trabalhae, senhores; instrui o povo.

Instruindo-o cumpris o vosso dever, ganhareis a sua gratidão e offerecereis á patria ciosa de um pessoal illustrado muitas intelligencias superiores que ficarão perdidas se não forem cultivadas.

Nós acima o dissemos e ainda aqui repetimos e confirmamos:—o povo, que paga impostos crescidissimos; que vê rindo-se aggravados os seus direitos de propriedade, e trata de aggravar-os ainda mais para a liberdade da nação; que corre, quando é necessario, ao campo da batalha e derrama ali o seu sangue para desafrontar os bríos da patria ultrajada;—tem direito a exigir do governo a promoção de seu engrandecimento.

Engrandeci-o, pois, senhores, nós o exigimos.

A' vós que creaes quando quereis leis vexatorias, obrigando o povo a pagar impostos & cumpre tambem creal-as beneficentes, obrigando os paes e tutores a matricularem nas escolas seus filhos e tutelados.

Fazei quanto antes desaparecer a ignorancia si não em sentido absoluto, o que é muito difficil ou quasi

impossivel, ao menos em sentido relativo.

Quem creou uma lei libertando a carne humana escravizada pela nojenta cobiça e asquerosa ambição de antigos potentados que dispunham da condescendencia e cumplicidade governamentaes, pode tambem crear uma outra emancipando com a instrução tantas intelligencias preciosas que gemem sob os arrójos dos grilhões da ignorancia.

Combatei, senhores, este perigo, este mal aviltante, ignominioso.

Queremos ser instruidos para emular com o povos civilisados das nações adelantadas.

Vinde em nosso auxilio.

CEMITERIO PUBLICO.

O jornalismo seria para nós uma tarefa por demais detestavel e odiosa si sentissemos emmudecerem-se os labios ante a consignação de uma palavra ao nosso melhoramento social.

Jamais deixaremos de possuir uma phrase ardente repassada do acre fel da indignação sempre que se tornar forçoso aggredir um abuso ou estigmatizar a mão concussionaria que viola a integridade de nossos direitos.

Tal foi o dever, que nos impoemos, como representantes do povo, tal será a norma de conducta que religiosamente nos é dado cumprir.

Debalde e mui debalde, seja licito dizer, ergueu-se repetidas vezes do seio da imprensa clamoroso appello em ordem a ser removido o mão estado em que nos achamos relativamente a falta de um cemiterio publico.

O marasmo das effervescencias politicas não fez ouvir o brado que se elevava, brado que resumia a indignação popular e synthetisava a miserrima condição a que nos tem reduzido os desalentos governamentaes: a morada dos mortos continuou a não ser objecto de importancia tocando ao auge a justa censura que de todos os lados se fazia sentir.

Hoje, ao envez do que fora para esperar, ainda não temos cemiterio.

O enterramento dos cadaveres faz-se em pleno campo, somente a falta da votação de uma verba.

Entretanto a cornucopia das graças não deixa de entornar sommas avultadas no bolsinho privilegiado de alguns mimosos da fortuna;—não se esquecem os nossos benemeritos Ly-

cargos de decretar medidas, muitas vezes attentatorias ao bem—estar commum.

Mas nada se diga; gele-se nos labios o verbo exuberante de despeito, pois *fulmen est ubi cum potestate habitat iracundia*, como disse o sabio.

Não é certamente das classes sociais que parte o que de momento profligamos.

O povo, onde não há uma unica pessoa que deixe de possuir um idolo n'aquella estancia de dores; o povo, dizemos nós com segurança, não esquivará seu concurso desde que alquem apparecer para exigil-o.

Um appello ao distincto sacerdote incumbido da freguezia do Amparo, cujo zelo, dedicação e amor ao sacro ministerio tornam-se um de seus eminentes titulos.

Erga-se o sr. conego Saraiva na promoção dos meios e guardaremos a esperança de que Theresina brevemente possuirá um cemiterio.

POR SECAS E MECAS.

O Leitor imagine que faz imenso calor e vamos fazer uma pequena excursão á *vão de passaro* emquanto há luz de sol, pois á noite receberiamos dar com as ventas n'alguma mula cargueira, mercê do sr. contractante dos lampeões, que, seja dito de passagem, tem bastante queda para a cousa.

Alli, n'aquella habitação a uns 100 passos do rio, resa a tradição que n'outros dias os Pedreiros—livres recebiam em suas tendas os catechumenos que buscavam a luz na sombra e no mysterio de seus concilios.

Mas teriam os barbaros invadido o templo de Iram?

Que desolação n'aquellas paredes envoltas em densa mortalha de caligem! As ameias, ninhos de parazitas, transformaram-se em abrigo de reptis, onde os grillos e cigarras celebram seus bailados, em quanto as aranhas armam suas rocas e estendem suas redes ao abrigo de qualquer assalto!

Contaram-nos que o bode, o temivel bode, terror dos pobres profanos, (valha-nos ao menos isto para tranquillidade da gente supersticiosa) sahio em busca d'outras pastagens, fendendo a chifre queimado, si não foi barganhado com algum cigano *bon vivant* dos que nos infestão a vizinhança; o gallo, symbolo da vigilancia, condemnado a panella, foi deca-

pitado sem appello nem aggravo; o compasso e a esquadria baldrocados com o primeiro *ferro velho* do bairro; as outras insignias depostas e no alto da porta, onde outr'ora soavam as pancadas sacramentaes, um bello dia os tranzeutes leram com assombro este cartaz chato e laconico:

*Casa para alugar.
Sic transit gloria mundi!*

Entretanto a fama sinistra da casa suspeita corria de bocca em bocca, as velhas se afastavam fazendo o signal da cruz, ninguem ousava habitar dentro d'aquellas paredes sombrias onde o echo repetia ainda as palavras do ritualio.

Correram tempos.

Consta-nos que a casa hoje está habitada.

Os filhos de Iram dormem á somno solto, affagando no peito um resto de creanças que vão se evaporando como a fumaça ao sopro da aragem.

Deixemol-os dormir e demos *um salto de pulga* para os lados da praça de Marte.

Aqui é o famoso quadrilatero em cujo centro trememos as vezes com ataques de nervos como varas verdes.

D'um lado o *Hotel-Nacional* (cadeia) com suas fortes muralhas altas como um cypreste, brancas como as paredes d'um tumulo; d'outro o quartel de linha cheio d'uma multidão de soldados—formigões de blusa azul—ferrete e canhão vermelho, que andão de cima para baixo como um enchame de abelhas; alli a estancia dos finados—o cemiterio—sombrio e pavidio como a propria morte; acolá o hospital—fabrica de defuntos sancionados com o placet dos medicos.

Approximemo-nos do ultimo. E' um grande pardieiro, cujo fastigio é coroado por dois medonhos jacarés de bocca escancarada e dentes amolados na attitude de tragar a victima, —*innocentes symbols* da caridade, d'essa caridade pregada sobre a cruz pelo Pastor Nasareno!

Até n'isto Theresina é excepcional!

Agora perguntamos nós,—qual será a primeira impressão do infeliz que transpõe aquella porta embusca de allivio a seus soffrimentos?

Dizem que os crocodilos do Nilo, quando sentem fome, imitam os vaggidos das crianças para attrahilas sobre a margem.

Não cremos que estes sejam mais honrados.

Ah! caridade, quantos infelizes em teu nome são arrastados ao leito de

Procusto, quantas victimas immoladas na encherga do soffrimento!

E' preciso pôr a mascara do cynismo para affrontar estas frutas do tempo, ou molltar a penna no absinthio da indignação para profligar estas miserias sociais.

Não vamos adiante,

Poupeemo-nos ao spectaculo da que liã la por dentro e tomemos um folego para ir a outros pontos que nos chamam.

Mas esquecíamos que vai ficando noite e pelos prós e contras, façamos *meia volta* e ganhemos o caminho de casa para evitar algum encontro desagradavel.

God by.

LITTERATURA

A VICTOR HUGO.

Estrella radiante, gigante dos profetas,
Eleva a fronte altiva a altura do Sinai;
Si Deos no céu ordena o curso do Universo,
Tu bradas cá na terra ao povo—*rel=marçhai!*
Tu és de todo mundo a bussola sagrada,
Um raiu deslumbrante da luz das gerações;
A vida de uma ideia—o riso da esperança,
O pedestal das glorias dos povos das nações

Lar.

NOTICIÁRIO

RAIMUNDO ARTHUR.

A redacção do nosso jornal deixa de contar em seu seio este talentoso moço, que tendo concluido seus estudos preparatorios, seguio para a corte do imperio com destino á matricular-se na academia militar.

A «Floresta» grata a tão distincto joven, conservará em lembrança o relevante apoio que encontrou em sua habil penna.

Envia-lhe saudades e almaeja-lhe um porvir risonho.

A' bordo do «Parnaguá» seguiram para a corte no dia 19 do corrente

mez, os jovens Raimundo Arthur de Vasconcellos, Nascimento Filho e Gonçalo Correia Lima, com destino á matricular-se na academia militar.

Intelligentes, estudiosos e morigerados está-lhes guardado um futuro brilhante, que praza a Deos vejam em breve descortinado.

Nós enviamo-lhes as nossas saudades e esparzimos um punhado de flores em sua passagem.

Bonanzosos ventos os conduzam a seu brilhante destino.

Na tarde de 19 do corrente mez transpoz o rio Parnahyba e seguio para o Pará nosso prestimoso e sympathico amigo, Antonio Pio de Moura Falcão, no intuito de fixar ali sua residencia.

Moço de conducta exemplar e de um trato delicado a toda prova, gozava elle aqui do melhor conceito.

Crescido foi o numero dos amigos que o acompanharam até o porto do embarque.

Propicios ventos e conduzão ao lugar de seu destino.

Foi removido para esta capital o juiz Municipal do termo de Valença, dr. Clodoaldo Freitas.

Esteve entre nós e regressou a Marvão, onde reside, nosso amigo João Pedro de Moraes e Silva.

Em audiencia do juiz municipal, de 24 do corrente mez, foi novamente avaliada a escrava Chrispiana, de propriedade do alferes José Tavares da Silva.

Foram avaliadores por parte do alferes Tavares o sr. Antonio Portellada Sobrinho e por parte do promotor publico, nosso amigo e collegá de redacção Apolinario da C. Monteiro. Tendo o sr. Portellada dado á Chrispiana o valor de 350,000 reis, impugnou esta avaliação o nosso amigo Apolinario, que estimou em 100,000 reis o valor da mesma escrava. E como não houvesse accordo entre os dois, opinou pela avaliação do 1.º o 3.º arbitro nomeado, major Jeremias José da Silva Mello.

Parabens ao nosso amigo Apolinario que, fiel ás suas ideias abolicio-

nistas, affronta as iras eslavocratas para a pugnar pela causa dos captivos.

No impedimento do respectivo serventuario, o dr. Augusto Colin da Silva Rios exerce presentemente as funções de director geral da instrucção publica.

No dia 9 d'este mez ancorou pela primeira vez em nosso porto, conduzindo 2 grandes barcas com mercadorias, o rebocador «Parnahyba», de propriedade do capitão Antonio S. de Moraes-Correia, negociante estabelecido na cidade da Parnahyba.

A companhia de vapores d'esta provincia zangou-se com este facto, fechou a caçaria, agarrôu a balsa da saia e metten debaixo do braço, correu a casa do juiz do commercio e apresentou um protesto contra a navegação d'aquelle barco no rio Parnahyba, fazendo responsavel o seu proprietario pelas perdas e danos que lhe causar.

Em quanto as outras provincias trabalham afanosamente para creação e estabelecimento de empresas de interesse geral, a companhia de vapores do Piahy protesta contra uma que vem trazer palpitanes melhoramentos.

Assim, minha santa, nunca poderemos progredir; portanto, em quanto voce protestar contra a empresa, nós protestaremos contra o seu procedimento.

Tendo sido cassado o decreto da nomeação do dr. Torquato Mendes Vianna para presidente desta provincia, passou elle as redas da administração da mesma no dia 20 deste ao 3.º vice-presidente, sr. dr. Manoel Hedefonso de Souza Lima.

Em consequencia acha-se na vara de juizado de direito o capitão Jose Antonio de Sant'Anna 1.º suplente municipal, e o sr. capitão Antonio Ribeiro Soares no exercicio de juiz municipal.

Vai sem commentario.

Nos ultimos numeros do «Semana-rio» se lê um annuncio para a captura de um escravo pertencente ao sr. Theodorico Boa-vista.

O «Semana-rio» tem sua queda para a abolição da escravidão. Bonito!...

O *Jornal do Commercio* de 19 de Agosto do mez findo deparou-nos a desagradavel noticia de ter sido demittido por Decreto de 13 o inspector da Thesouraria de Fazenda do Amazonas, capitão Saturnino de Mesquita Loureiro Marães.

Esse facto causa verdadeira sorpresa, aquelles que como nós, têm a honra de conhecer tão distincto empregado.

Intelligente e dedicado ao serviço, cumpridor de seus deveres e sobre tudo cioso de sua dignidade, o sr. Mesquita cossue todos os requisitos que se exigem n'um empregado perfeito.

So podiam, por tanto ter motivado sua demissão inexatas informações ou falsas acrisações que elle destruirá cabalmente perante o governo que não hesitará em reparar acto tão desanimador para aquelles que se dedicando á vida publica, consomem a mais preciosa parte de sua existencia em servir o Estado com applicação inextinguivel e as vezes com prejuizo da saúde e até de affeições.

Somos informados que um escravo de propriedade do sr. João Fernandes Camello, barbaramente assassinou a sua senhora D. Virenia de tal nome lugar Bority do Padre, termo de Humildes, degolando-a, com o intuito de apoderar-se de tudo quanto em casa havia.

O fasinora, não contente ainda com esse nefando crime, fez o mesmo a uma innocente criança, talvez levado pelo desejo de que não fosse testemunha da sua barbaridade.

Consta-nos que pouco tempo depois foi preso o criminoso.

Factos como esse, não necessitam de commentario.

A justiça que obre com todo o seu rigor.

Ha quasi 2 annos que principiou-se a reconstrução da parte do proprio nacional em que funcionava a Administração dos correios desta provincia, ficando o serviço paralisado por falta de credito na yerba respectiva.

Durante esse periodo tem aquella repartição funcionado n'um predio particular, despendendo o estado não pequena somma com o respectivo aluguer que não é muito modico.

S. exc. o sr. vice-presidente da provincia bem podia tomar alguma providencia no sentido de fazer cessar a *economia negativa* que se vae fazendo com a demora da conclusão de semelhante serviço. A economia não consiste em não gastar ou gastar pouco: as despesas productivas tambem constituem economia.

Consta-nos que, em principios de novembro proximo vindouro, começarão n'esta capital os exames geraes de preparatorios.

No dia 20 do corrente enlaçou-se o sr. capitão Luiz José de Oliveira Costa com a exm.ª sr.ª d. Minervina Nascimento, digna irmã do nosso particular amigo e collega de redacção, Eneas Alves do Nascimento.

Ao joven par um futuro risonho, maisado das mais brilhantes felicidades é o que de coração almejamos.

Acham-se n'esta cidade os distinctos engenheiros Dr. Benjamin de A. Lima e Olegario Herculano da Silva Pinto, o primeiro chefe da Commissão dos melhoramentos do nosso Parnahyba e o outro inspector da 3.ª secção da linha telegraphica entre Periperi e Campo-maior.

O Dr. Olegario vem acompanhado de seus dignos ajudantes João Arguelles Guilhon e Licínio Jansen Tavares.

Saudamos os illustres Hospedes.

Do Amarante acha-se entre nós o sr. Francisco de Paula Baptista.

Enviamos-lhes nossas saudações.

Chegou hoje o vapor *Paranaguá* procedente da Parnahyba.

Esperava-se o novo Presidente que não veio, continuando a administração da Provincia á cargo do Exm.º Sr. Dr. Manoel Hedefonso de Souza Lima.

Em viagem d'aqui para a Parnahyba houve incendio á bordo d'este vapor, queimando-se parte da carga, resultando ficar o vapor um pouco estragado.

A bordo do mesmo vapor veio o nosso amigo Felix Dias de Miranda, negociante na Parnahyba.

Nós o complimentamos.